



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**



**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Sociologia**

**Título: Institucionalização e legitimação da temática de género no  
curso de sociologia da UEM, 2010-2013**

**Autor:**

Fernando Francisco Come

**Supervisor:**

Dr. Baltazar Samuel Muianga

Maputo, 2015

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Departamento de Sociologia

**Institucionalização e legitimação da temática de género no curso de Sociologia  
da UEM, 2010-2013**

**Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane**

Autor:

**Fernando Francisco Come**

Supervisor:

**Dr. Baltazar Samuel Muianga**

Maputo, Julho de 2015

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

**Fernando Francisco Come**

Supervisor:

Dr. Baltazar Samuel Muianga

Maputo, 2015

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

---

Maputo, Julho de 2015

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Eu, Fernando Francisco Come, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso de Licenciatura em Sociologia, nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer outro grau académico, daí que os resultados desta pesquisa, constituem fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas na bibliografia todas as fontes por mim utilizadas no decorrer do trabalho de pesquisa.

---

(Fernando Francisco Come)

# DEDICATÓRIA

*Em memória do meu pai*

*Francisco Safo Come*

Dedico este trabalho aos meus pais Francisco Come e Isaura Uinge. Em especial a Rosalina Come.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ter conservado e me ter dado forças para que eu chegasse até aqui. Quanto ao apoio intelectual e material o meu agradecimento primeiramente vai ao meu supervisor Dr. Baltazar Muianga se dedicou e cumpriu com seu papel tal como o fez com competência, tendo tornado possível a materialização desta obra.

Agradeço aos meus pais Isaura Uinge e tio Julião Come e tia Elisinha, a minha avó Rosalina Nhatsave que contribuíram bastante para a minha formação em todos os momentos difíceis. Agradeço também as minhas irmãs Arigieta Uinge e Rosalina Come pelo apoio material, não me esqueço dos meus irmãos a Sara Come, Francisco Come e Gabriel Come que moralmente me apoiaram.

Não me esqueci de vocês meus amigos, a ordem com que citarei os nomes não significa grau de importância pois todos tem a mesma consideração para mim, Manuel Panguene o seu apoio moral e material ao longo do meu percurso, a Ana Maria Matucuza, minha companheira em todos os momentos da batalha, Francisco Chitseve e Dulce também não ficam para trás. Ao Abel Machaiei pela força, Stella Jamine, Lázaro Tete, Hermínio Manhique e tantos outros.

Agradeço ao corpo docente do departamento de sociologia em particular ao Prof. Dr. Luís Cezerilo pela inspiração, ao Professor Sérgio Manuel Baleira pelo apoio intelectual e pelas oportunidades concedidas, nunca me esquecerei também da Prof. Dra. Nair Teles.

Agradeço a Câmara dos lordes, colegas que juntos fizemos a história que nos marcará para sempre, desde as directas no *tangará* e os acesos debates nas aulas assim como fora, em particular o apoio de todos aqueles que nos tornamos mais do que simples colegas nomeadamente: *Maquiavel* (Isac Guilengue), Benjamin Capito, Cremildo Rafael, cota mas jovem Silva e Cristiano Daniel. Por fim, os agradecimentos vão para os meus irmãos espirituais e aos colegas do INE tais como *Mbuya* o Fernando Israel, Sebastião Chichava e a todos que directa ou indirectamente apoiaram.

## EPÍGRAFE

*“Acabar um livro*

*É como dar à luz uma*

*Criança e depois dar-lhe*

*Um tiro”*

Truman Capote

## **LISTA DE ACRÓNIMOS**

DS.....	Departamento de Sociologia
UEM.....	Universidade Eduardo Mondlane
TFC.....	Trabalho de Final de Curso

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Número de monografias em sociologia por área temática UEM, 2002-2005 .....	3
Tabela 2: Número de monografias em sociologia por área temática UEM, 2006-2009 .....	4
Tabela 3: Número de monografias em sociologia por área temática UEM, 2010-2013 .....	5
Tabela 4: Construção da amostra sobre as monografias com temáticas de género, 2010 - 2013 .....	36
Tabela 5: Dados sócio-demográficos .....	38
Tabela 6: Dados sócio - demográficos .....	39



## **Resumo**

Neste trabalho estudamos a relação entre a institucionalização das questões ligadas ao género no curso de sociologia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e o aumento das temáticas de género em trabalhos de fim de curso. Este estudo busca analisar e compreender os factores motivacionais que levaram os estudantes a escreverem sobre a temática de género nos seus trabalhos de final de curso.

Enveredamos por uma triangulação teórica entre a teoria epistémica de Thomas Kun e a construção social da realidade de Berger e Luckmann, o que nos permitiu fazer a leitura da legitimação de categorias analíticas que mantêm e reproduzem a continuidade do género enquanto um paradigma dominante nos trabalhos de final de curso. Realizamos um estudo com uma abordagem qualitativa no qual a dialéctica foi o método central e o estudo monográfico a estratégia de investigação. O grupo-alvo foi constituído por estudantes de sociologia da UEM que escreveram sobre a temática de género nos seus trabalhos de final de curso.

A interpretação de dados permitiu-nos afirmar que os estudantes escreveram sobre a temática de género nos seus TFCs com o interesse de ganhar reconhecimento e aceitação no DS (Departamento de Sociologia), assim como defender a causa feminista com a qual identificam-se. Entretanto as percepções identificadas resultam e são sustentadas pelas experiências vivenciadas pelos entrevistados em diferentes espaços dos quais identificamos a disciplina sobre o género, as pesquisas sobre o género e movimentos feministas que pugnam pela igualdade de género. Nestes espaços os estudantes interiorizam princípios teóricos e práticas a partir dos quais constroem a sua subjectividade a partir da qual se materializam as acções que sustentam o interesse pelas questões ligadas ao género.

**Palavras-chave** – *Motivações, percepções sociais, pesquisa normal, institucionalização, legitimação*

## **Abstract**

We study the relationship between the institutionalization of gender issues in the course of sociology at the University Eduardo Mondlane (UEM) and the increase of gender issues in order to course work. This study seeks to analyze and understand the motivational factors that lead students to write about the gender issue in their final course work.

We embarked on a theoretical triangulation between the epistemic theory of Thomas Kun and the social construction of reality in Berger and Luckmann, which allowed us to make the reading of the legitimacy of analytical categories that maintain and reproduce the continuity of gender as the dominant paradigm in the works End of course. We conducted a study with a qualitative approach in which the dialectic was the central method and monographic study the strategic research. The target group were the UEM sociology students who wrote about the gender issue in its end of course work.

The interpretation of data allowed us to say that the students wrote about the gender issue in their TFC in the interest of gaining recognition and acceptance in the DS (Department of Sociology), as well as defend the feminist cause with which they identify. However perceptions identified result and are supported by the experiences of the respondents in different spaces of which identified the discipline on gender, research on gender and feminist movements who are fighting for gender equality. In these spaces the students internalize the theoretical principles and practices from which they build their subjectivity from which materializes the actions that sustain the interest in gender issues.

**Keywords** - *Motivations, social perceptions, normal research, institutionalization, legitimation*

# Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA .....	ii
AGRADECIMENTOS .....	iii
EPÍGRAFE .....	iv
Resumo .....	vi
Abstract.....	vii
Introdução .....	1
Capítulo I .....	12
1. Revisão da literatura .....	12
1.1 Abordagem genderizada dos trabalhos científicos.....	12
1.2 Abordagem inter-científica do género nas ciências sociais .....	14
Capítulo II.....	19
2. Enquadramento teórico e conceptual .....	19
2.1 Intersecção teórica epistémica com a construção social da realidade .....	19
2.2 Definição e Operacionalização de Conceitos.....	25
2.2.1 Percepção social.....	25
2.2.2 Motivações.....	27
2.2.3 Institucionalização .....	28
2.2.4 Legitimação.....	29
2.2.5 Ciência Normal ou paradigma .....	30
Capítulo III.....	32
3. Metodologia .....	32
3.1 Método de Abordagem .....	32
3.2 Método de Procedimento .....	33
3.3 Técnicas para recolha de dados.....	33

3.4 Universo e Amostra .....	35
3.5. Princípios éticos observados na recolha de dados.....	36
3.6. Dificuldades enfrentadas ao longo do trabalho e formas de superação .....	37
Capítulo IV.....	38
4. Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados.....	38
4.1 Perfil sócio-demográfico dos entrevistados .....	38
4.2 Percepções sobre o interesse pela temática do género .....	40
4.2.1 Género como um tema de interesse académico .....	40
4.2.2 Género como um tema de interesse internacional.....	43
4.3 Experiências relacionadas com género vivenciadas dentro e fora da academia .....	44
4.3.1 Participação em salas de aulas .....	45
4.3.2 Participação em pesquisas na área de género.....	48
4.3.3 Participação em movimentos feministas.....	53
4.4 Motivações para o estudo do género.....	55
4.4.1 Reprodução do discurso dominante .....	56
4.4.2 Defesa da ideologia feminista.....	61
Considerações finais .....	64
Referências Bibliográficas .....	66
ANEXO .....	70

## Introdução

O presente estudo teve como objectivo reflectir sobre a problemática da produção do conhecimento no contexto académico, procurando analisar e compreender as experiências e percepções sobre as questões ligadas a género e sua relação com os factores motivacionais dos estudantes em desenvolver trabalho final de curso em torno da temática de género. Para a sua materialização, tomou-se a Universidade Eduardo Mondlane (UEM) como o *lócus* da pesquisa, o estudo restringiu-se em explorar o fenómeno de aumento das temáticas de género em TFC em Sociologia a partir da aplicação de entrevistas aos estudantes do Curso de Licenciatura em Sociologia que escreveram sobre o género no período 2010-2013. As análises do aumento das temáticas de género em trabalhos científicos não são um tema novo e estão longe de reunir consensos entre os factores explicativos dessa realidade. Passamos a tratar nas linhas a seguir o processo histórico da evolução desse debate.

No debate em torno da relação entre os trabalhos científicos com o desenvolvimento das temáticas de género destaca-se o processo de emergência desta temática na produção das ciências sociais enquanto pressuposto para reintegrar as mulheres à história e restituir a elas a sua história, daí se destacaram temas do trabalho feminino, em particular, o trabalho fabril (Matos, 1998).

Nos anos 1970 de acordo com Matos (*Idem*) a temática de género ampliou-se e diversificou-se. É dentro deste contexto que os estudos sobre a mulher, sua participação na sociedade, organização familiar, movimentos sociais, política e trabalho adquiriram notoriedade e abriram novos espaços, em particular após a incorporação da categoria género.

Sob o ponto de vista histórico, Scovane (2008) afirma que as temáticas de género estão associadas às grandes fases do feminismo como aos contextos e problemas que lhes suscitaram. As transformações sociais ocorridas nos anos 60, sobretudo as guerras e movimentos sociais sucedidos no primeiro mundo contribuíram para o processo de transição de paradigmas.

Diante desse contexto de transformações sociais, Scovane (*Idem*) aponta que diferentes autores como - Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens – efectivaram a desconstrução da dicotomia indivíduo versus sociedade. O rompimento com essa separação é que conduziu ao

estudo da diferenciação social, que deu lugar nas ciências sociais a abordagens não totalizantes e a um longo processo de transição paradigmática<sup>1</sup>. Essas rupturas aconteceram ao mesmo tempo em que novas teorias se construía num contexto propiciado e aproximado pelos movimentos sociais. A partir daí o campo de investigação científico sobre temáticas de género se ampliou, tendo sido evidenciada a forte relação do movimento social com os estudos feministas.

Para Scovane (2008) a forte ampliação das temáticas de género influenciadas pelos movimentos feministas foi marcada por estudos que procuravam evidenciar as implicações sociais, políticas e económicas da dominação masculina, sendo que os principais problemas sociais e sociológicos tratados sob a óptica de género foram: a violência doméstica, sexual, familiar, a pouca presença das mulheres nos espaços públicos de poder institucional, responsabilidade feminina pelo espaço privado, o machismo manifesto e o dissimulado, e o assédio sexual e moral no trabalho.

Na Universidade Eduardo Mondlane as temáticas de género vêm sendo abordadas nos trabalhos de final de curso desde que se introduziu o curso de sociologia, desta forma, são três os principais períodos para contextualização do interesse pelas questões ligadas ao género por parte dos estudantes daquele recinto educacional.

Dadas as condições sociais, económicas e políticas nas quais a sociedade moçambicana se encontra inserida ao longo do tempo, principalmente situações ligadas a pobreza associadas à epidemia do HIV e SIDA, os desenvolvimentos teórico-metodológicos e as próprias condições institucionais favoreceram o surgimento de inúmeras áreas temáticas em trabalhos de fim de curso em sociologia.

Na tabela nº1, e no que toca à agregação dos temas das monografias por diferentes áreas temáticas no 1º período 2002-2005, é clara a identificação de algumas das áreas da sociologia. Destacando-se quanto ao número de trabalhos apresentados, as seguintes áreas temáticas: as “identidades” (11.5%), a “pobreza” (11.5%), a “ HIV e SIDA” (7.7%), a “Género” (7.7%) e “Segurança Social” (7.7 %), a “Criança” (7.7%) e a “mendicidade” (7.7%).

---

<sup>1</sup> Segundo Boaventura Santos (1989) a ciência estaria vivendo um período de “transição paradigmática” passando de um paradigma moderno para um paradigma pós-moderno.

Em números reduzidos embora com importância se seguem monografias sobre “sociologia rural”, “Administração Pública”, “Idoso”, “Toxicodependência”, “Minas”, “ambiente” e “crime” assim como outras ilustradas pela tabela nº1. Estas áreas temáticas representam um marco histórico na sociologia em Moçambique na medida em que se colocam em discussão áreas de interesse na sociedade e que acompanham os problemas vividos na sociedade.

**Tabela 1:** Número de monografias em sociologia por área temática UEM, 2002-2005

<b>ÁREAS TEMÁTICAS</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Género	2	7.7
Segurança Social	2	7.7
Sociologia Rural	1	3.8
Malária	1	3.8
Administração Pública	1	3.8
Toxicodependência	1	3.8
Crime	1	3.8
Idoso	1	3.8
HIV e SIDA	2	7.7
Sociologia do Conhecimento	1	3.8
Minas	1	3.8
Ambiente	1	3.8
Identidades	3	11.5
Pobreza	3	11.5
Criança	2	7.7
Mendicidade	2	7.7
Educação	1	3.8
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Na tabela anterior se pode notar que a temática de género nessa altura, embora tenha sido abordada, equipara-se ao nível das outras temáticas não havendo assim desequilíbrio em termos de ênfase com outras áreas temáticas. Ainda importa referir que a dinâmica intelectual de investigação sobre o real, está directamente relacionada com a importância que a própria sociedade vai dando em cada um dos seus problemas, isto é, aos problemas que ela vai socialmente legitimando através das instâncias dominantes (Barroso *et al*, 2011). Portanto, as áreas temáticas destacadas enfatizam a relação entre os problemas legitimados pela sociedade e a necessidade de se explorar tais problemas pelos estudantes ainda que neste primeiro período

exista maior equilíbrio o que indica que ainda não se tinham circunscrito temáticas tipicamente mais preferidas pelos estudantes.

**Tabela 2:** Número de monografias em sociologia por área temática UEM, 2006-2009

<b>ÁREA TEMÁTICA</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Género	7	13.4
Segurança Social	3	5.8
Sociologia Rural	5	9.6
Cólera	1	1.9
Administração Pública	3	5.8
Crime	1	1.9
Chapa 100	2	3.8
HIV e SIDA	8	13.5
Sociologia do Conhecimento	1	1.9
Família	1	1.9
Política	1	1.9
Tecnologia	4	7.7
Xitique	1	1.9
Identidades	1	1.9
Sindicato	1	1.9
Mercado	3	5.8
Criança	2	3.8
Juventude	1	1.9
Emprego	4	7.7
Educação	2	3.8
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Assiste-se então no 2º período (2006-2009), a uma evolução interna do campo, e algumas temáticas evoluíram significativamente em termos de interesse pelos estudantes embora, houve uma diversificação maior com relação ao 1º período. As áreas temáticas que mais se destacaram foram: “ HIV e SIDA” e “Género” ambas a par uma da outra com 13.5%, e “Sociologia Rural” com 9.6% e “Tecnologia” e “Emprego” com 7.7% respectivamente.

Algumas áreas abordadas na tabela nº1 permanecem também na tabela nº2 e nesta tabela aparecem também novas áreas temáticas são os casos das áreas como tecnologia e emprego que aparecem pela primeira vez no 2º período e como áreas que aparecem na linha das temáticas que mais despertam interesse como objectos de estudo para trabalhos de fim de curso. No que toca a



temática de género nota-se que esta área não perdeu interesse e o seu crescimento foi significativo em relação ao 1º período, embora a área de género não se tenha destacado mais do que as outras áreas temáticas, pois aparece em pé de igualdade com as restantes áreas de interesse sociológico para trabalhos monográficos.

**Tabela 3:** Número de monografias em sociologia por área temática UEM, 2010-2013

<b>ÁREA TEMÁTICA</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Género	17	24.3
Sociologia Rural	2	2.9
Malária	2	2.9
Tuberculose	1	1.4
Cólera	1	1.4
Administração Pública	1	1.4
Crime	3	4.3
HIV e SIDA	5	7.1
Acidente	1	1.4
Política	3	4.3
Tradição	7	10
Desigualdades	5	7.1
Tecnologia	2	2.9
Ambiente	3	4.3
Identidades	7	10
Emigração	1	1.4
Criança	2	2.9
Juventude	4	5.7
Emprego	1	1.4
Educação	2	2.9
<b>Total</b>	<b>70</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

No que diz respeito à tabela nº3, referente às monografias apresentadas no período 2010-2013, indicia-se de forma destacável a temática de género que com uma percentagem de 24.3% apresenta-se como sendo a temática mais abordada de todos os tempos nos trabalhos de fim de curso em sociologia na última quinzena.

Tal como vimos, nas duas tabelas anteriores (tabela nº1 e tabela nº2) há uma tendência para a dispersão e diversificação das áreas de interesse por parte dos estudantes de sociologia nos

trabalhos de fim de curso, o que marca os dois períodos anteriores como sendo períodos de dispersão temática e de tentativa de afirmação das várias áreas temáticas.

Entretanto, no último período (2010-2013) assiste-se a uma tendência de desenvolvimento de trabalhos de fim de curso pelos estudantes que na sua maioria se focalizam em temáticas de género o que é confirmado pelos dados apresentados pela tabela nº3.

A partir do terceiro período onde encontramos a constituição do interesse pelas questões sob a óptica de género como problema sociológico. Entretanto, a afirmação da temática de género como sendo a que mais tem sido abordada nos trabalhos de fim de curso em sociologia pelos estudantes no período 2010 -2013 com uma representatividade de 24.3% entre as diversas áreas temáticas abordadas naquele período, revela-se suficiente para o questionamento da relação entre a legitimação do paradigma de género no curso de sociologia com o aumento desta temática nos trabalhos de fim de curso.

É diante deste questionamento, que começa a nossa construção da problemática científica baseada em Berger & Luckmann apontados como sintetizadores do objecto de estudo da sociologia do conhecimento. Segundo Rodrigo (2003) aqueles autores afastam-se das pretensões filosóficas<sup>2</sup> e desenvolvem uma teoria preocupada com os problemas concretos desta disciplina empírica. Para tanto, Berger e Luckmann fizeram o cruzamento daquilo a que chamaram “duas das mais famosas *ordens de marcha* da sociologia” (Rodrigo, 2003, p. 27): 1) De acordo Com Durkheim “*Considerar os fatos sociais como coisas*”, 2) De acordo com Weber “*Tanto para a sociologia no sentido actual quanto para a história o objecto de conhecimento é o complexo de significados subjectivos da acção*”. Assim, Rodrigo (*idem*) afirma que estes postulados não são contraditórios, mas que a sociedade tem feição dúplice: a da facticidade e a da construção social que parte de acções dotadas de sentido subjectivo.

É dentro desta perspectiva de análise inspirada na feição dúplice da sociedade que procuramos entender “o aumento das temáticas de género” enquanto um facto social. Constituído o facto, no mesmo diapasão procuramos o discernimento do sentido subjectivo das acções que levam os

---

<sup>2</sup> Defendidas por autores como Max Scheler e Karl Mannheim foi com base nos seus pressupostos filosóficos que se nor-teou o surgimento da sociologia do conhecimento

estudantes a se interessarem por abordar a temática de género nos seus trabalhos de final de curso. Deste modo, o sentido subjectivo das acções dos estudantes no que concerne a sua opção pelas temáticas de género, constitui-se como sendo o ponto central para a articulação das nossas análises.

Desta maneira, ao nos auxiliarmos nesta ideia baseada no sentido subjectivo das acções nas nossas análises vimos surgir o conceito de *motivação* que nos permitiu explorar a dimensão social deste conceito, preconizada por Maslow (1970). Não obstante, com base em Mannheim (1951) consideramos que as motivações não se dissociam das *condições sociais favoráveis*<sup>3</sup> que permitem encontrar a explicação para a escolha das temáticas de género pelos estudantes num contexto específico, que é na Universidade Eduardo Mondlane, mais concretamente no Departamento de Sociologia. A dimensão social do conceito de motivação articulada às ideias de Maslow e Mannheim nos permitiu olhar para esta instituição não enquanto um mero espaço físico, mas sim enquanto um espaço social onde ocorre a partilha dos mesmos *universos simbólicos*<sup>4</sup> que concorrem para a legitimação do interesse que as questões ligadas ao género representam para todos os actores directamente envolvidos na construção dessa realidade.

Dentro desta concisa reconstrução teórica e histórica acima exposta, a fim de mostrar a ascensão do problema aqui tratado enquanto problemática científica, vemo-nos coagidos a recorrer a Berger e Luckmann (2004) e a Thomas Kun (1962) para desenvolver este trabalho que tem como base, a institucionalização e legitimação de um paradigma de género num contexto marcado por diferentes áreas temáticas. Especificamente, estudamos a relação entre o aumento das temáticas de género em trabalhos de final de curso com as percepções e experiências que intervêm no interesse dos estudantes por questões ligadas a género.

Delimitando a realidade sobre a qual incidimos neste estudo, sob ponto de vista do universo espaço-temporal, seleccionamos o caso dos estudantes do curso de sociologia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e o período que vai de 2010 á 2013, respectivamente. Escolhemos

---

<sup>3</sup> Baseamo-nos na ideia de Karl Mannheim

<sup>4</sup> Segundo Berguer e Luckmann (2004) os universos simbólicos constituem o quarto nível da legitimação que abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica que também é concebida como matriz de todos os significados socialmente objectivados e subjectivamente reais.

este caso por se tratar de um grupo cujo os trabalhos final de curso desenvolvidos incidiram sobre questões ligadas a género, e por outro lado a instituição de pertença daquele grupo a nível restrito (departamento de sociologia) responsável pela socialização dos estudantes em matérias ligadas a género. Quanto ao período em referência, este representa o auge do nível elevado com que as temáticas de género se encontram representadas em termos numéricos quando comparadas com outras áreas temáticas dentre os trabalhos de final de curso identificados dentro deste universo temporal, o que levantou o interesse em abarcar as dinâmicas vivenciadas ao longo deste tempo.

O grupo-alvo do estudo foi constituído por estudantes do curso de sociologia que escreveram sobre as temáticas de género nos seus trabalhos de final de curso dentro do universo temporal anteriormente delimitado.

O empreendimento que realizamos, sobre a relação entre o aumento das temáticas de género em TFCs e a legitimação do paradigma de género no DS, insere-se num debate já levantado por outros estudos, o que faz com que seja a partir dos autores destes que construímos nosso problema de pesquisa.

Com efeito, o aumento das temáticas de género nas pesquisas académicas é marcado por um debate com diferentes perspectivas. Neste debate, por um lado, existe uma corrente que associa o aumento das temáticas de género à entrada massiva das mulheres nas universidades, centros de investigação onde participam como sujeitos de produção de conhecimento, esta perspectiva se enquadra nos defensores dos factores externos à ciência que influenciam no aumento das temáticas de género em trabalhos de final de curso (Lobo, 1996; Machado, 1996; Barroso, Nico & Rodrigues, 2011).

Por outro lado, alguns autores, rebatendo a ideia anterior, são defensores da influência significativa dos factores internos à ciência ao se socorrerem da tese segundo a qual as temáticas de género tendem a aumentar com a ruptura epistemológica criada às ciências sociais com a adopção e reintegração do género enquanto categoria analítica o que suscita interesse maior aos pesquisadores, pelo que esta área constitui uma novidade quase que consensual no que respeita a sua pertinência teórica entre os pesquisadores da área das ciências sociais e humanas (Almeida, 1998; Amâncio, 2003; Connell, 1987).

Deste modo, duas limitações que identificamos na revisão da literatura embaçam a construção do problema de pesquisa deste trabalho. A primeira é que as duas abordagens são reducionistas ao se limitarem aos factores externos e internos exclusivamente. Por um lado, a abordagem que defende os factores externos se limita a considerar a entrada massiva das mulheres como sendo um factor determinante no aumento das temáticas de género, mas não dá conta do aumento das temáticas de género num contexto em que o factor “sexo” não se aplica, e por outro lado, a abordagem defensora dos factores internos se confina às questões essencialmente de carácter teórico ao relacionar o contributo das análises sobre género na ascensão científica das ciências sociais como determinantes no aumento das temáticas de género, mas essa explicação não dá conta das questões empíricas como determinantes na construção do interesse pelas questões de género e consequente aumento das temáticas de género em trabalhos de pesquisa académica.

De uma forma geral, para além destes estudos terem sido desenvolvidos em contextos particulares, não explicam a relação dialéctica que ocorre entre o aumento das temáticas de género com a construção de categorias analíticas legitimadas que tendem a reproduzir um discurso dominante sobre género. Sugerimos assim, a contextualização do grupo de estudantes que abordou questões ligadas a género nos TFC na realidade por eles vivenciada na UEM, mais concretamente no departamento de sociologia, de modo a superar as limitações anteriormente apontadas, pelo que, apontamos como problemática, a sociologia do conhecimento de Thomas Khun (1970) e de Berger e Luckmann (2004). Estes autores levantam a importância de se questionar o que é tido como “*usual ou modo padrão*” isto é, o fenómeno do aumento significativo de temáticas de género em TFCs num determinado período esconde um conjunto de categorias de referências significativas que ocorrem dentro de uma instituição (UEM) numa relação dialéctica. Estas reflexões nos conduzem a necessidade de examinar o problema das categorias de referência que concorrem para a construção do interesse pelas questões ligadas ao género pelos estudantes a partir da relação dialéctica que estes travam com as principais instituições a que estão ligados.

Com a intenção de compreender o processo de construção do interesse pelas questões ligadas ao género, sobretudo, a ênfase que é dada as temáticas desta natureza enquanto modelo padrão para TFC, o que nos é possível a partir de Berger e Luckmann (2003) que nos explicam o processo de institucionalização e consequente legitimação da realidade objectiva em cada época, deste modo,

para este estudo nos questionamos sobre *o que explica o interesse crescente dos estudantes em escrever sobre temáticas de género em trabalhos de fim de curso em sociologia?* Para orientarmos o nosso trabalho adoptamos como hipótese a esta inquietação, a seguinte: *O interesse crescente dos estudantes em escrever sobre temáticas de género em seus trabalhos de fim de curso é explicado pelas percepções que estes possuem sobre género associadas às experiências por eles vivenciadas tanto dentro, assim fora da universidade num contexto em que se considera actual e importante a discussão sobre questões ligadas ao género.*

Sob o ponto de vista da relevância de estudo da construção do interesse pelas questões ligadas ao género, podemos apontar alguns pontos que justificam a sua escolha. De acordo com Thomas Khun (1962) a produção de conhecimento é marcado pelo domínio de paradigmas que escondem um conjunto de regras anónimas que concorrem para a construção de categorias de referências dominantes que conduzem a um determinado padrão na produção de conhecimento. Desta forma, estas indicações introduzem a relevância da problematização das regras anónimas inerentes a produção do conhecimento na academia na qual assistimos, por um lado, uma maior ênfase aos problemas ligados ao género e, por via disso, se determina um paradigma nos limites considerados por Thomas Khun.

Ao buscarmos olhar para esta realidade estamos a esclarecer os suportes que sustentam a construção deste paradigma, contribuindo para a superação de todas as considerações interpretativas que se limitam a olhar para aspectos superficiais, de um lado, a entrada massiva de mulheres nas universidades e, de outro lado, a novidade com que se encaram temas de género, como sendo determinantes no aumento de teses que abordam temáticas de género. Assim sendo, valorizamos a perspectiva dos próprios actores envolvidos. As condições teóricas da relevância do tema estão sintetizadas em Foucault (1987) que chama atenção para a necessidade do pensamento sociológico reactualizar as suas categorias analíticas procurando dar conta da exigência no entendimento da ordem interna que constitui um determinado saber. Ao buscarmos o quadro teórico de Khun (1962) e Berger e Luckmann (2003) estamos a dar conta a esta exigência, buscando explorar a relação entre o processo de legitimação do paradigma dominante sobre género e a objectivação do género através das acções dos estudantes manifestas por via do recurso a temáticas de género nos TFC.

Deste modo, neste trabalho partimos com o objectivo geral de compreender a relação entre as experiências e percepções sobre a questão do género e o interesse em desenvolver o trabalho do final do curso em torno desta temática. Para a plena satisfação deste objectivo construímos como objectivos específicos, captar as percepções dos estudantes em torno dos aspectos ligados ao género enquanto uma temática da actualidade, descrever as experiências vividas dentro e fora da academia ligadas a questão do género, identificar as motivações dos estudantes em abordar temáticas de género em seus trabalhos de fim de curso, e aferir a relação entre as percepções sobre a temática do género e o interesse pelo desenvolvimento de estudo nesta área.

O trabalho apresenta uma estrutura sequenciada em capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a revisão da literatura, onde, com recurso a recolha bibliográfica, desenvolvemos uma discussão em torno da forma como tem sido abordada a realidade sobre o interesse das temáticas de género no contexto académico. Esta discussão permite a construção do nosso problema de pesquisa. No segundo capítulo trazemos o enquadramento teórico e conceptual no qual escolhemos, apresentamos e justificamos a opção pela triangulação teórica, definimos e operacionalizamos os conceitos de percepções, motivações, institucionalização, legitimação e ciência normal. No terceiro capítulo apresentamos a metodologia dentro da qual definimos e justificamos as escolhas dos métodos e técnicas para a realização deste trabalho, definimos a nossa opção pela abordagem qualitativa, trazemos como método de abordagem o dialéctico, como técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada e a técnica de bola de neve aliada a intencional para definição e identificação do nosso grupo-alvo. No quarto capítulo apresentamos a análise, interpretação e discussão dos dados de campo. O conteúdo deste capítulo é constituído pelo perfil sócio-demográfico dos entrevistados; pelas noções sobre género; pelas experiências ligadas às questões de género vivenciadas dentro e fora da academia; e pelas motivações dos estudantes em escrever sobre género em TFC. Na parte final, sem no entanto constituir um capítulo, apresentamos as considerações finais onde concatenamos todos aspectos constituintes deste trabalho, desde a proposta que trouxemos na introdução ao que foi analisado, interpretado e discutidos ao longo do desenvolvimento. Como elementos pós-textuais, apresentados as referências bibliográficas de todos os estudos, artigos e obras que foram por nós usadas e o guião de entrevista.

# Capítulo I

## 1. Revisão da literatura

A reflexão sobre as condições de exercício que permitem a constituição de um conhecimento, não são realidades novas no âmbito da sociologia, especialmente a relação entre o aumento do interesse pela área de género na produção científica e os factores que condicionam tal interesse acrescido. Não obstante, alguns estudos, como apresentaremos a seguir, já foram desenvolvidos em torno desta realidade.

A busca por uma literatura em torno dos factores que condicionam o aumento da temática de género nos trabalhos científicos permitiu-nos agrupar os estudos em duas abordagens nomeadamente: a que se socorre dos factores *externos*<sup>5</sup> para a explicação do aumento das temáticas de género na produção científica; e a segunda abordagem é a que recorre aos factores *internos*<sup>6</sup> como sendo associados ao aumento das temáticas de género.

### 1.1 Factores externos da ciência *versus* aumento das temáticas de género

Na primeira abordagem destacam-se autores tais como: Cristina Lobo (1996); Fernando Luís Machado (1996); Margarida Barroso, Magda Nico e Elisabete Rodrigues (2011). Os autores desta consideram de forma geral que as temáticas de género tendem a aumentar nos centros de investigação com a participação massiva das mulheres enquanto sujeitos de investigação e produtoras de conhecimento científico.

Na primeira abordagem encontramos a obra “*Género e Sociologia: Uma análise das desigualdades e dos estudos de género em Portugal*” da autoria de Margarida Barroso, Nico e Elisabete Rodrigues. Estes autores defendem que a actividade científica como qualquer outra

---

<sup>5</sup> Considera que a entrada massiva das mulheres nas universidades contribui para a “*genderização*” temática, ou seja, leva a que o género seja um tema naturalmente preferido mais por mulheres.

<sup>6</sup> Considera que aspectos de ordem teóricas ligados ao desenvolvimento das ciências sociais principalmente a incorporação de género como categoria analítica constitui uma novidade que arrasta consigo seguidores o que se reflecte num aumento de temáticas de género.



área ocupacional é estruturada pela variável género, e como forma de destacar este argumento Barroso *et al* (2011) sublinha que quanto à composição sexual do campo da investigação e produção sociológica em Portugal, identifica-se uma clara predominância de mulheres (Margarida *et al.*, 2011, p. 27).

No destaque da área de interesse em função da variável género Margarida *et al.*, (2011) mostra que a partir do V congresso (2004) quando se apresentam as primeiras pesquisas sobre a masculinidade como forma de reconhecimento e contestação social da desigualdade de direitos entre homens e mulheres verifica-se que a maior parte de pesquisas sobre a masculinidade apresentadas no congresso eram de autoria masculina.

Por sua vez Cristina Lobo<sup>7</sup> (1996) não se distanciando dos autores anteriores enfatiza a associação entre as condições sociais e a produção do conhecimento científico. Assim sendo, para Lobo (*Idem*) as práticas científicas devem ser entendidas como práticas sociais não se podendo ignorar o campo científico como um espaço multidimensional no qual os indivíduos se posicionam segundo o volume e a composição do seu capital.

Entretanto, a autora faz a análise das temáticas mais frequentes apresentadas no 1º, 2º e 3º congresso de sociologia em Portugal. Nos três Congressos analisados a autora procura analogias, ou seja, estruturas explicativas capazes de estabelecer semelhanças e diferenças. Neste contexto Lobo (*Idem*) reconhece que os tempos em que se realizaram os congressos sendo diferentes são capazes de trazer à superfície problemas diferentes apresentados em comunicações.

Deste modo no 1º e 2º congresso de sociologia realizados em 1988 e 1992 respectivamente do Lobo (1996) destaca semelhanças nas comunicações, onde as temáticas estavam mais ligadas a áreas política e pública. Deste modo nos dois congressos mais se destacaram temas sobre a educação (escolas profissionais e formação profissional, insucesso escolar, expansão do ensino superior técnico). Embora, o mais fundamental aqui é sublinhar a notabilidade que temas de género e família ganharam no 3º congresso de sociologia e associado a isso estava a entrada das mulheres no mercado de trabalho e no ensino superior assim como a ocupação de cargos de privilegiados em organizações (Lobo, 1996, p. 126).

---

<sup>7</sup> Autora da obra intitulada “*Os congressos de Sociologia em Portugal*”. Revista Crítica das ciências sociais. 1996

Fernando Luís Machado no seu artigo intitulado "*Profissionalização dos sociólogos em Portugal: contextos, recomposição e implicações*" destaca a feminização dos sociólogos como sendo um fenómeno que está ligado ao crescimento das profissões intelectuais e científicas que é acompanhado por uma recomposição sexual significativa (Machado, 1996, p. 68).

Machado (1996) e Lobo (1996) não se distanciam, na medida em que o primeiro autor também vem reforçar a ideia de que a progressão rápida do número de mulheres a exercer profissão e do número de mulheres, já maioritário, a frequentar universidades todos estes aspectos juntos compõem-se como elementos estruturantes da sociedade que dão ímpeto a feminização das profissões intelectuais e científicas.

O vínculo explicativo que encontramos em Margarida *et al* (2011) e Lobo (1996) também é reforçado por Almeida (1986) que defende que as temáticas de género enquanto temas produzidos cientificamente por mulheres são esforços que fundamentam a sua reivindicação e o seu espaço enquanto objectos e sujeitos de conhecimento nas ciências sociais. Assim sendo, dado o aumento das mulheres nas universidades portuguesas nos anos 90, Lobo (1996) e Machado (1996) associam-se ao partilharem a hipótese explicativa de associação entre o aumento de temáticas de género como sendo resultado do aumento das mulheres nas universidades portuguesas.

## **1.2 Factores internos da ciência versus aumento da temática de género**

A segunda abordagem que será apresentada é a que defende que o aumento das temáticas de género é influenciado pela necessidade de validação do género enquanto categoria de análise da realidade social e se constituindo assim como discurso das ciências sociais.

O género enquanto um discurso das ciências sociais está longe de reunir consensos entre os vários autores e no conjunto das obras que identificamos e que juntas se encaixam nesta abordagem podemos destacar as obras dos seguintes autores: Ana Nunes de Almeida (1998); Lígia Amâncio (2003); Robert Connell (1987).

De acordo com Almeida<sup>8</sup> (1998) as ciências sociais trouxeram, para o campo científico, os universos e as condições femininas por circunstâncias que se prendem por um lado às condições teóricas e por outro por circunstâncias que se prendem às condições sociais. Interessa referir que Almeida (1998) ao se referir às condições sociais como sendo catalisadoras do estudo dos universos e condições femininas se aproxima ao grupo de autores da primeira abordagem, pois de forma explícita reconhece uma sociologia *genderizada*<sup>9</sup> embora, a autora não aprofunde bastante esse aspecto. Outrossim é o posicionamento sobre as condições teóricas que é mais enfatizado por Almeida (*Idem*) como sendo as que mais impulsionaram o estudo dos universos e as condições femininas.

Aliado a visão de Almeida (*Idem*) encontramos Lígia Amâncio (2003) que refere que a abertura das ciências sociais condicionadas pela expansão do sistema universitário após a II guerra Mundial e o alargamento da base de recrutamento de docentes universitários foi fundamental para que se reconhecesse o género enquanto uma categoria analítica que marcava uma ruptura com os paradigmas teóricos clássicos das ciências sociais. Assim marca-se um novo desafio para as ciências sociais em que a esfera da família tal como destaca Almeida (1998) é o centro privado que espelha claramente as relações de género o que se reflecte no aumento de comunicações com temáticas que abordam questões sobre género nos congressos de sociologia. Segundo Almeida (*Idem*) é no contexto da necessidade de validação teórica que se pode compreender o discurso de género nas ciências sociais.

Lígia Amâncio<sup>10</sup> (2003) ao procurar compreender a rápida difusão de temáticas de género no contexto português a partir dos anos 90 no âmbito das investigações sociológicas identifica as preocupações de crítica social e novas exigências quanto ao papel da ciência na sociedade como sendo os principais elementos explicativos que se associam a emergência de novos objectos e na

---

<sup>8</sup> Autora do artigo intitulado “*Ciências sociais e universos Femininos Em Portugal: Contributos para a mudança*”. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 1998

<sup>9</sup> De acordo com Margarida *et al.*, (2011) é a relação entre temas e a variável género, ou seja, com isso os autores defendem que existem temas tipicamente femininos e temas tipicamente masculinos daí que o género é considerado um tema que tem a particularidade de ser abordado por mulheres.

<sup>10</sup> Autora da obra intitulada “*O Género nos Discursos das Ciências Sociais*”. ISCET. 2003 (687-721p)

progressiva acomodação de novas áreas de especialização no seio do velho sistema de disciplinas (Amâncio, 2003, p. 169).

No outro extremo já no contexto americano encontramos Robert Connell (1987) que partilha da abordagem de que o aumento das temáticas de género no contexto da sociologia americana é uma resposta aos movimentos feministas radicais e as tendências de ruptura com as teorias tradicionais da sociologia (Connell, 198, p. 65).

Um novo aspecto que se encontra em Connell (1987) é o facto de problematizar as abordagens influenciadas pelo feminismo liberal na qual se enquadram as abordagens de ALMEIDA (1998) e Amâncio (2003) que consideram a família como espaço privilegiado para o estudo das relações de género atribuindo assim à categoria género simples características dos indivíduos. Agora com Connell (1987, p.700) nota-se uma viragem, pois este autor propõe o enfoque no género enquanto estrutura social, e não como simples característica dos indivíduos, logo a partir dessa perspectiva a análise do género se estende a todas as instâncias da organização social já que tanto a família como a divisão do trabalho e o estado (Connell, 1994) é atravessada pela lógica da masculinidade hegemónica, assente na norma da heterossexualidade.

Outro estudo não menos importante, mas que não se enquadra em nenhuma das duas abordagens anteriormente apresentadas é a obra de Escosteguy & Messa (2006) intitulada “*Os Estudos de Género na Pesquisa em Comunicação no Brasil*”. O trabalho de Escosteguy & Messa (*Idem*) documenta a presença da temática das relações de género na pesquisa em comunicação, no período de 1992-2002, através de um levantamento de dissertações e teses.

No conjunto das dissertações e teses analisadas com temáticas de género Escosteguy & Messa (*Idem*) identificaram e agruparam as teses em três grupos principais tendo em conta o conteúdo dos inventários, neste contexto destacam: a primeira linha de trabalho com foco na mensagem de 1992 a 1996; a segunda corrente é a que objectivava conhecer o receptor de 1997 a 1999; e a última corrente é aquela que se focaliza mais nas representações do feminino de 2000 e 2002.

A primeira corrente com o foco na mensagem objectiva compreender e analisar o universo feminino baseado nos conteúdos veiculados pelas distintas Mídias, incluindo um olhar sobre a ideologia aí implicada (Escosteguy & Messa, 2006, p. 67).

Sobre a corrente que enfatiza mais conhecer o receptor identificou-se uma tendência de mudança nos conteúdos das dissertações e das teses, isto é, começou a surgir ideia de que aquele sujeito que todos julgavam passivos e vítima dos meios principalmente o público infantil e feminino. Aqui a abordagem era de conceber o receptor como um sujeito activo ea comunicação como sendo um processo de interação, em que o receptor não só aceitava o que lhe era imposto, mas também o modificava quando dava ao produto midiático novos sentidos, de acordo com seu universo cultural (Escosteguy & Messa, 2006, p. 70).

No que concerne à última linha de mensagem voltada para as muitas representações do feminino Escosteguy & Messa (*Idem*) referem que aqui há várias e diferentes maneiras da forma como se procura dar sentido a imagem da mulher nas mídias. Para alguns autores identificados considera que a telenovela funciona como sendo uma construção da realidade e manutenção da ordem social (*apud* UFRJ, 2001).

A particularidade do trabalho desenvolvido por Escosteguy & Messa (2006) é o facto de se centrar mais para os conteúdos da pesquisa na área de comunicação sobre relações de género e a variação desses conteúdos sobre género. A diferença com as anteriores abordagens apresentada no que se refere à temática de género é que esta subdivide um conjunto de obras sobre temáticas de género em função dos conteúdos lá identificados e não procura compreender em nenhum momento e nem procura explorar os factores que condicionam o aumento das temáticas de género.

Portanto, feita a apresentação e discussão teórica de um conjunto de obras identificámos duas abordagens onde encontramos por um lado que se dá enfoque à participação massiva das mulheres como factor determinante no aumento das temáticas de género nos trabalhos científicos, e por outro encontramos que as ciências sociais num contexto de adaptação a realidade contemporânea procuram validar o género enquanto uma categoria de análise a estrutura social.

Neste contexto, podemos afirmar por um lado que a realidade sobre o aumento das temáticas de género nas monografias apresentadas pelos estudantes de sociologia na universidade Eduardo Mondlane traz por si só um desafio as duas abordagens, por um lado porque a questão do aumento de temáticas de género nos trabalhos não se limita aos interesses particulares de

indivíduos de um determinado sexo, nem sequer se encontra ilustrada directamente a influência pelo modelo analítico de género aos trabalhos de fim de curso com temáticas de género.

Não contestamos de forma peremptória as duas abordagens, mas sim o posicionamento reducionista das duas abordagens, deste modo, é na tentativa de não desqualificar as duas abordagens que aqui se procura uma perspectiva que tenha em atenção os limites das duas abordagens.

Assim sendo, optamos pela perspectiva sociológica da construção social da realidade (Berger e Luckmann, 2003) aliada a perspectiva sobre a estrutura das revoluções científicas de Thomas Khun, onde a partir, das duas perspectivas defende-se o argumento de que o aumento das temáticas de género em trabalhos de fim de curso em sociologia no período 2010-2013 é resultante das categorias analíticas em torno do género, interiorizadas pelos estudantes dentro e fora da universidade e que se objectivam a partir das percepções e experiências por eles vivenciados naqueles espaços que legitimam o interesse do género e o reconhecimento por eles procurado ao tratar essas questões nos seus TFC.

## Capítulo II

### 2. Enquadramento teórico e conceptual

Nesta parte far-se-á a apresentação da teoria escolhida para a interpretação dos resultados do estudo. Assim após procedermos a apresentação da teoria traremos a definição e operacionalização dos principais conceitos do estudo.

#### 2.1 Intersecção teórica epistémica com a construção social da realidade

O interesse em estudar os factores motivacionais a respeito do interesse dos estudantes em escrever sobre género nos seus TFC, nos conduziu a optarmos por duas perspectivas teóricas que nos possibilitam analisar a realidade em estudo. Deste modo, elegeu-se o cruzamento entre as Teorias sociológica da construção social da realidade de Berger e Luckmann (2003) e epistémica de Khun (1962).

Para atingirmos os objectivos deste trabalho adoptamos a perspectiva teórica de Peter Berger e Thomas Luckmann (2004) em “a construção social da realidade”. Perspectiva, esta que podemos enquadrá-la na sociologia do conhecimento, que por sua vez tem antecedentes na filosofia. A evolução da sociologia do conhecimento por seu turno teve como bases três perspectivas nomeadamente: o pensamento Marxista; o pensamento Nietzscheano e o pensamento historicista.

Embora as três abordagens tenham a sua importância para a compreensão e desmistificação de “ideologias,” ou “visões de mundo,” ou ainda “relações de poder” não se enquadram no nosso estudo porque não estamos interessados em identificar nenhum dos fenómenos anteriormente mencionados. Deste modo optamos em recorrer a perspectiva teórica de Berger e Luckmann (2003) que é adequada na medida em que nos permite analisar e explicar como uma certa ordem se estabelece até tornar-se algo normal, isto é, como ordem para nosso estudo identificamos “o interesse dos estudantes pelas questões ligadas a género”. De seguida passamos a apresentar a formulação teórica referente “A construção social da realidade” de Berger e Luckmann (2003).

O pressuposto básico da teoria da construção social da realidade de Berger e Luckman é de que a realidade é uma construção social que ocorre num processo dialéctico em que a realidade faz o homem e o homem faz a realidade.

Para a finalidade do nosso estudo limitamo-nos a recorrer a teoria da construção social da realidade para explicar o processo de construção e transmissão do conhecimento. Deste modo, como é que o género torna-se ordem institucional, como é que essa ordem se reproduz e se mantém num determinado contexto (UEM). O recurso a teoria de Berger e Luckmann permitiu-nos formular essas questões enquanto pressupostos a partir dos quais delimitam-se o escopo teórico para a leitura da realidade a que nos propomos analisar.

Ainda assim, o recurso à teoria escolhida é fundamentado pela natureza da resposta que a nossa pergunta de partida nos leva a buscar. Assume-se que a busca das percepções de qualquer realidade deve ser feita nos próprios indivíduos, concebendo-os como construtores desta mesma realidade social, pois, eles aparecem como actores sociais, que atribuem significados, sentidos à realidade que os cerca sendo que esta consideração se inspira na ideia de que o homem é produtor da realidade ao mesmo tempo que ele é produto daquela (Berger e Luckmann, 2004).

Berger e Luckmann (2004), partem do princípio da “*relação entre a realidade e o conhecimento construído, que dá vida a essa mesma realidade*”. Isto é, a realidade é uma construção social concebida pelos próprios indivíduos, sendo necessário captar o processo dessa construção e os factores que condicionam essa construção.

Berger e Luckmann (2003), tomam como base a fenomenologia de Schutz (1962) e a sociologia de Mannheim (1936; 1952; 1956; 1964), donde extraem a sua base teórica. Assim sendo, como princípio fundamental, assumem que as acções dos indivíduos dentro das suas relações sociais, tendem a objectivar-se de modo a constituir uma instituição social e se impor sobre eles.

De acordo com Berger e Luckmann (2003), “*os usos dos indivíduos tornam-se hábitos*”, e quando estes hábitos são partilhados por membros de um determinado grupo ocorre o processo de institucionalização, concebido por estes como sendo o processo pelo qual as normas sociais são impostas e aceites por membros de um determinado grupo. Este processo é importante para o nosso trabalho pois nos permite analisar os universos simbólicos partilhados que concorrem para a manutenção da legitimidade do género enquanto a ordem institucional vigente. É neste âmbito que procuramos identificar as categorias analíticas interiorizadas pelos estudantes em torno das questões ligadas ao género no processo de socialização e as formas como se objectiva essa realidade.



Neste sentido, Berger e Luckmann (2003), assumem como ponto central o processo de socialização, destacando a socialização primária e a secundária. A primária como sendo aquela onde os indivíduos incorporam os papéis sociais, e a secundária, como sendo aquela onde os indivíduos interiorizam os símbolos, os valores e as normas sociais. Esta segunda forma de socialização é relevante, pois, é onde ocorre a reflexividade dos actores sociais, ou seja, a modificação e reprodução da realidade social.

De acordo com estes princípios estabelecidos, estes autores descrevem a construção social da realidade, assumindo que o homem é produto e produtor da realidade, da seguinte maneira: a sociedade é subjectivamente construída pelos indivíduos; a sociedade objectiva-se ou autonomiza-se com relação social entre os indivíduos; e, a sociedade se impõe e é interiorizada pelos indivíduos.

De acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 78) a construção social da realidade decorre como resultado de três processos, nomeadamente: a sociedade e a ordem, existem somente como produto das acções dos indivíduos (exteriorização); a sociedade é, porém, uma realidade objectivamente independente da consciência dos indivíduos (objectivação); os indivíduos, não obstante, são um produto da sociedade (interiorização).

Berger e Luckmann (2003), afirmam que a objectivação da sociedade, com o tempo, tende a naturalizar-se, ou seja, a internalizar-se, o que implica dizer que ela é assumida pelos actores sociais, como sendo algo natural que não é susceptível de ser alterável. No entanto, este fenómeno verifica-se, especialmente de geração para geração, onde a geração presente recebe da geração passada, instituições sociais de forma naturalizada. Contudo, ao andar do tempo esta mesma geração, com sua capacidade de reflexão problematiza e reconstrói as instituições sociais.

O processo anteriormente mostrado nos leva a ler a realidade aqui tratada de duas formas, no primeiro momento, devemos considerar as categorias analíticas de género transmitidas numa relação de corpos diferenciados do conhecimento, onde os especialistas dotados de um estoque de conhecimento que os coloca na posição de transmissores. Enquanto os que se encontram na condição de receptores dessas categorias analíticas as interiorizam criando-se subjectividade sobre essa realidade. No segundo momento consideramos que o encontro entre os envolvidos na

institucionalização da temática de gênero, conduz a partilha e tipificação das categorias analíticas do gênero a serem interiorizados.

“Por exemplo, a transmissão de um vocabulário de parentesco *ipso facto* legitima a estrutura de parentesco. As explicações legitimadoras fundamentais, por assim dizer, estão incluídas no vocabulário. Assim, uma criança aprende que outra criança e um primo, informação que imediata e inerentemente legitima a conduta com relação aos primos, que é aprendida juntamente com a designação” (Berger Luckmann, 2003, p. 29)

Podemos notar, que a teoria da construção social da realidade é apropriada pelos motivos indicados de início e pelo facto de esta dar importância ao processo de socialização ou de endoculturação dos indivíduos, mostrando como cada indivíduo pode, em função de seu conhecimento interiorizado, construir a realidade que lhe é apresentada. Assim, assumimos que esta teoria vai nos possibilitar perceber como é que os estudantes em função das suas experiências de vivenciadas fora e dentro da academia se legitimam as percepções sobre o interesse atribuído a temática de gênero.

Para a análise do contexto, em que se insere o paradigma de gênero em trabalhos de fim de curso, iremos recorrer à teoria epistémica de Thomas Kuhn (1962) que retrata o desenvolvimento científico como uma sucessão de períodos marcados por diferentes paradigmas e pontuados por suas rupturas. Esta teoria é útil para a exploração do comportamento e desenvolvimento científico ao longo do tempo, esse aspecto nos permite reflectir sobre o porquê da ruptura de um período marcado por equilíbrios nas abordagens temáticas em trabalhos de fim de curso ao longo dos dois períodos (2002-2005; e 2006-2009), para uma transição para um período caracterizado pelo interesse crescente dos estudantes em escrever sobre temáticas de gênero em monografias no período 2010-2013, havendo assim a consideração para caracterizar esse período de paradigma de gênero.

Para o estudo aqui apresentado importa enquadrar aqui um elemento central na teoria de Thomas Kuhn (1962) o conceito de *ciência normal ou pesquisa normal*, este constitui um elemento fundamental para os efeitos da realização do nosso estudo. A ciência normal de acordo com Thomas Kuhn (1962) pode ser entendida como pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por

uma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.

Na formulação teórica de Kuhn (1962) a ênfase é dada a composição de um paradigma, isto é, a fase em que a ciência adquire um paradigma ascendendo deste modo ao estatuto de ciência normal. As fases importantes para a constituição de uma teoria epistémica sobre as revoluções científicas podem ser: A fase pré-paradigmática; ciência normal; crise e revolução.

Para os efeitos deste estudo apenas interessam as duas primeiras fases, isto é, a fase pré-paradigmática e a fase paradigmática ou a fase da ciência normal.

Segundo Kuhn (1962) a fase pré-paradigmática corresponde ao período no qual reina uma ampla divergência entre os pesquisadores, ou grupos de pesquisadores, sobre quais fenómenos devem ser estudados, e como devem ser, sobre quais devem ser explicados, e segundo quais princípios teóricos, sobre como os princípios se inter-relacionam.

Ainda na senda de Kuhn (1962) a segunda fase é a da ciência normal em que uma disciplina se torna ciência, justamente corresponde ao período em que se adquire um paradigma referencial para a explicação da realidade. Neste momento a ciência normal desenvolve o paradigma ocupando-se da ampliação do conhecimento dos factos que o paradigma considera relevantes, e também aumentando a correlação entre esses factos e as predições do paradigma.

Outro aspecto não menos importante e de capital importância no contexto de desenvolvimento deste estudo tem a ver com o papel desempenhado pelos manuais, após uma revolução na óptica de Kuhn. Neste contexto os textos registram o conhecimento articulado daquilo que é aceite por determinada comunidade científica em certa época (Kuhn, 1962).

Dando continuidade a ideia, Kuhn (*Idem*) observa que os manuais por serem veículos pedagógicos por meio dos quais a maioria dos estudantes e pesquisadores toma contacto com o seu ramo da ciência proporcionam um estimulador de arrebatador seguidores para o paradigma, é neste âmbito que o aluno aceita a autoridade do professor e o material que lhe é fornecido e rapidamente tende a aceitar os exemplos e as descrições apontadas nos manuais como sendo provas *indiscutidas* e indiscutíveis das teorias que lhe são ensinadas.

“O que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver. Na ausência de tal treino, somente pode haver o que William James chamou de «confusão atordoante e intensa»” (Kuhn, 1962, p. 113)

O acima dito significa que o ver configurado é possível quando o indivíduo participa de um colectivo de pensamento com o seu correspondente estilo de pensamento, já que é depois de muita experiência e treino que se torna possível ver imediatamente o facto.

De uma forma geral com a perspectiva Kuhniana faz-se uma leitura do fenómeno sobre o aumento das temáticas de género em trabalhos de fim curso como sendo representativo da segunda fase na estrutura das revoluções científicas. Voltando as fases indicadas por Kuhn para a formulação de um paradigma nota-se que o primeiro período e o segundo período (2002-2005; 2006-2009) constituem as fases de dispersão temática onde não encontram-se consensos para análise dos fenómenos sociais, o que se inverte na segunda fase que tende a ser característica da fase paradigmática em que embora haja divergências nas áreas de interesse científico, já é possível identificar a área para que tendem os investigadores. Neste contexto, a teoria epistémica Kuhniana nos conduz a analisar os manuais, as publicações de manuais, a disciplina de género, as pesquisas desenvolvidas na área de género, os movimentos feministas enquanto veículos que concorrem para a manutenção da ordem discursiva que legitima o género enquanto um paradigma dominante no período entre 2010 a 2013.

A conjugação da perspectiva teórica da construção social da realidade de Berger e Luckmann com a perspectiva teórica epistémica de Thomas Khun, ambas nos conduzem reflectir sobre as categorias analíticas interiorizadas pelos estudantes que tendem a reproduzir e legitimar a continuidade do género enquanto uma pesquisa normal. Assim sendo, por um lado, a perspectiva sociológica da construção social da realidade permite compreender os universos simbólicos partilhados pelos estudantes e docentes que legitimam o interesse pelas questões ligadas ao género. Por outro lado, a perspectiva epistémica de Thomas Kun nos permite compreender a cristalização da ordem discursiva que reproduz a continuidade da ordem institucional enquanto

um paradigma<sup>11</sup>, ou seja, uma orientação consensual e referência a partir da qual se pode interpretar a realidade.

## **2.2 Definição e Operacionalização de Conceitos**

Neste capítulo buscamos discutir três conceitos principais que constituem-se como sendo centrais para este estudo, deste modo eles são: Percepção Social, Motivações, Institucionalização, legitimação e ciência normal.

### **2.2.1 Percepção social**

O conceito de Percepção social, abordado de forma concreta, em Psicologia Social, pois, na Sociologia, aborda-se o mesmo, designando por representações sociais, isto é, na teoria das representações sociais. Desta forma Durkheim (1989) apresenta as representações sociais como a produção mental colectiva, e faz a ligação entre os conteúdos e a estrutura do pensamento colectivo às formas de organização social. Deste modo, as “representações sociais” formam uma realidade *suis generis*, mesmo mantendo laços sociais estreitos com o seu substrato biológico, elas são em certa medida independentes.

Outro autor que não se distancia de Durkheim é Moscovici (1978) que compreende a representação social como sendo um sistema de valores, de noções e de práticas relativas à objectos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e de grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção e da elaboração das respostas e contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade.

Os dois autores acima apresentados apresentam-nos definições que ainda estão longe dos nossos intentos neste trabalho pois encontramos limitações na medida em que as representações sociais ou percepções sobre o ponto de vista dos dois autores são estritamente autónomas e assim tomam-se os sujeitos como sendo dopados culturalmente.

---

<sup>11</sup>Segundo Thomas Kuhn na fase do paradigma as evidências desta fase se manifestam pelo número de aderentes aos pressupostos sugeridos pela teoria, para este trabalho o número de estudantes é maior, não será um indício?

Outra perspectiva sobre percepção social encontra em Sternberg (2002) que apresenta-nos duas teorias principais da percepção social, a saber: a) Percepção social construtiva, onde o indivíduo que percebe, cria uma percepção de um estímulo, usando as informações sensoriais para fundamentar a estrutura e outras fontes de informação. Assim trata-se de uma percepção racional. b) Percepção social directa, esta se restringe às informações dos receptores sensoriais, incluindo o ambiente.

Ainda dentro do campo da psicologia social, Rodrigues, quando apresenta o conceito de percepção social, aponta alguns factores que influenciam a percepção social, nomeadamente: “a selectividade perceptiva; o condicionamento; a experiência prévia; e os factores contemporâneos aos factores perceptivos.” (Rodrigues, 1975, p. 224). Entretanto, o factor contemporâneo pode-se traduzir em fenómenos de defesa perceptiva ou de acentuação perceptiva. Todavia, em Rodrigues (1975), no primeiro caso, o indivíduo tende a bloquear na consciência os estímulos emocionalmente perturbadores; por outro lado, em relação a acentuação perceptiva, esta resgata os estímulos positivos e simbólicos já associados.

Por seu turno Berger e Luckmann (2003) não se distanciando da perspectiva de Rodrigues consideram que a percepção social é a interpretação subjectiva que os indivíduos fazem da realidade. Ela consiste na relação existente entre o pensamento e o contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Neste sentido a percepção social não é uma mera interpretação dos indivíduos sobre uma realidade por eles enfrentada no quotidiano, ela é influenciada pelo contexto social, pelas particularidades da personalidade do indivíduo, pelos desejos e sentimentos, pela sua atitude em relação ao objecto percebido, pelas suas necessidades, pelas crenças, valores, pelos interesses, pelas aspirações e pela experiência de vida que foram adquiridas ao longo do tempo (Berger e Luckmann, 2003).

Analisando as acções de publicações de livros pelo departamento a partir das percepções sociais dos estudantes em torno dessas acções, podemos compreender como é que aquelas surgem como uma realidade interpretada pelos estudantes, e até que ponto esta representação das publicações influencia no interesse crescente dos estudantes em escrever sobre género em seus trabalhos de fim de curso.

### 2.2.2 Motivações

Segundo Maslow (1970) a motivação corresponde ao conjunto de factores psicológicos, conscientes e não conscientes de ordem fisiológica, intelectual ou afectiva, os quais agem entre si e determinam a conduta do indivíduo.

O conceito de motivação em Maslow (idem) se invoca para explicar as variações de determinados comportamentos e, sem dúvida, apresenta uma grande importância para a compreensão do comportamento humano.

Maslow (1970) classifica as motivações em quatro principais grupos nomeadamente: a) *impulsos básicos* que estimulam comportamentos que visam satisfazer necessidades básicas, baseadas na fisiologia; b) *motivos sociais* que surgem para satisfazer as necessidades de sentir-se amado, está intimamente ao contacto com outros seres humanos e isso é decisivo para o sucesso em ajustamento (adaptação); c) *motivos para estimulação sensorial* em que as pessoas e outros animais precisam desta estimulação, que pode ser um estímulo externo (do meio) ou interno; d) *motivos de crescimento* que são os que levam o indivíduos ao aperfeiçoamento pessoal sem se importarem com o reconhecimento, deste modo achando-se intimamente ligados aos motivos de estimulação, exploração e manipulações sensoriais; e) *Ideias como motivos* pois as ideias podem ser intensamente motivadoras, proporcionando comportamentos motivados por sugestões, que podem até mesmo comprometer a integridade física do indivíduo. Essas podem gerar conflitos, quando ocorre a dissonância cognitiva, mas geralmente as pessoas são motivadas a manterem cognições coerentes.

Valorizando uma dimensão multidimensional, aproximada a uma perspectiva sociológica podemos trazer a definição apresentada por Chiavenato (1999), segundo a qual motivação é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um comportamento específico, podendo este impulso à acção ser provocado por um estímulo externo (provindo do ambiente) ou também ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo.

Combinando as duas definições acima apresentadas importa referir que em Maslow nos interessam o segundo grupo referente aos *motivos sociais* aliado a visão multidimensional de Chiavenato (1999) pelo que as duas abordagens procuram superar qualquer tipo de reducionismo

seja de ordem psicológica, seja de ordem sociológica, levando-nos a considerar os factores tanto contextuais como internos aos indivíduos. Neste sentido, combinando necessariamente as duas definições aplicamos o conceito de motivação como o esforço resultante de factores internos e externos para superar obstáculos decorrentes da dimensão interna dos indivíduos e do contexto social. Esta definição leva a conceber as temáticas de género em trabalhos de fim de curso como um estímulo ao sucesso, mas que, não obstante, os estudantes apresentam motivações para a optarem por temáticas de género em seus trabalhos.

Entendemos que o uso da teoria construtivista de Berger e Luckmann fornece-nos conceitos fundamentais que nos ajudam a ler o processo pelo qual o interesse pelas questões ligadas a temática de género se tornara uma ordem social concebida como normal entre os estudantes de sociologia. Neste processo interessa para já aprofundar as dimensões fornecidas por cada um dos conceitos

### **2.2.3 Institucionalização**

Ao recorrermos ao conceito de institucionalização para ser definido e operacionalizado, temos como finalidade delimitar o processo pelo qual o interesse pelas questões ligadas ao género se tornou algo rotinizado e hábito no curso de sociologia. Para estabelecermos tal delimitação partimos do segundo nível da inquietação levantada por Berger e Luckmann (2003, p. 75): “De que maneira surge a própria ordem social?”

De acordo com Berger e Luckmann (*Idem*), a resposta geral dada a essa inquietação foi de que a ordem social era um produto humano, e que não era dada biologicamente mas que ela existe unicamente como produto da actividade humana. Com base na ideia anterior, se pretende dizer que o processo de institucionalização das questões ligadas ao género deve ser analisado tendo em conta as actividades todas condicentes a normalização daquelas questões.

A fundamentação da institucionalização numa linha teórica preliminar é de que ela resulta das predefinições que resumem uma multiplicidade de situações com a finalidade de oferecer o mínimo de tomadas de decisões sendo que é a partir daí que o hábito se manifesta (Berger e Luckmann, 2003).



A ideia de redução da multiplicidade de situações facultada pela institucionalização através da manifestação do hábito, nos leva a procurar explorar todas práticas habituais obrigatórias ou não adoptadas pelos estudantes no seu dia-a-dia na academia que contribuíram para que as questões ligadas ao género tivessem interesse na elaboração TFC.

Não basta só que o hábito se estabeleça, mas para que ocorra a institucionalização de acordo com Berger e Luckmann (2003) é necessário que haja uma tipificação recíproca de acções habituais. Neste contexto procuramos examinar o sentido que os estudantes atribuem as actividades que resultam da exploração das questões ligadas ao género.

Para finalizarmos as dimensões procuradas no conceito de institucionalização para as finalidades do nosso trabalho, importa referir que, imprescindivelmente a referência a institucionalização comporta três momentos dialécticos a exteriorização, a objectivação e a interiorização. Desta forma, a consideração destes três momentos, é relevante pois permite examinar os pressupostos usados para a transmissão das questões ligadas ao género enquanto interessantes, assim como possibilita analisar a “temática de género” enquanto produto objectivado exteriorizado pelo estudante.

#### **2.2.4 Legitimação**

O conceito de legitimação é de extrema importância na medida em que anteriormente vimos que o conceito de institucionalização torna possível a atribuição de significados às acções possibilitando de igual modo a redução da multiplicidade das acções, por sua vez, a legitimação aparece para manter as instituições através das “explicações” e “justificações”. É neste contexto, que o recurso a este conceito nos possibilitará buscar as fórmulas legitimadoras da ordem institucionalizada.

A este respeito Berger e Luckmann (2003) referem que a função da legitimação consiste em tornar objectivamente acessível e subjectivamente plausíveis as objectivações de que foram institucionalizadas. A legitimação enquanto um conceito elucidativo da ordem institucionalizada subdivide-se em quatro níveis segundo Berger e Luckmann (2003, p. 30):

- a) *Primeiro nível das legitimações incipientes*, este que diz respeito às afirmações tradicionais simples do tipo “É assim que se faz as coisas” e é geralmente mais eficaz em

respostas ao “por quê?” das crianças. De acordo com Berger e Luckmann (2003) este é considerado nível pré-teórico.

- b) *O segundo nível de legitimação* contém proposições teóricas em forma rudimentares. Podem ser encontrados aqui vários esquemas explicativos, tais esquemas são altamente pragmáticos e se referem a acções concretas (Berger e Luckmann, 2003).
- c) *O terceiro nível de legitimação* contém teorias explícitas pelas quais um sector institucional é legitimado em termos de um corpo diferenciado de conhecimentos, porque as suas legitimações oferecem quadros de referência amplos, são frequentemente confiadas a pessoal especializado que transmite que as transmitem por meio de procedimentos de iniciação formalizados. Desta forma, com o desenvolvimento de teorias legitimadoras especializadas e sua transmissão por legitimadores aplicados inteiramente a esse mister, a legitimação começa a ir além da aplicação prática e a tornar-se “teoria pura”.
- d) *O quarto nível de legitimações* é constituído pelos universos simbólicos, estes constituem corpos de tradição teórica que integram diferentes áreas de significação e abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica.

Em todo o caso, o terceiro e o quarto nível acima expostos é que interessam para o desenvolvimento do nosso trabalho na medida em que se referem aos quadros de referência amplos e aos universos simbólicos respectivamente. A necessidade de nos basearmos em dois últimos níveis das legitimações surge do facto de pretendermos delimitar a relação entre os corpos diferenciados de conhecimento na perspectiva de compreender “quem transmite” e “quem é transmitido” a ordem institucionalizada. Por outro lado, mas numa perspectiva de aprofundar as dimensões do conceito das legitimações para a realidade em análise, procuramos os processos de significação partilhados tanto pelos “transmissores” assim como pelos “transmitidos” que concorrem na legitimação do interesse pelas questões ligadas ao género manifesta na crescente apresentação de temáticas de género em trabalhos de final de curso em sociologia.

### **2.2.5 Ciência Normal ou paradigma**

Este conceito na óptica de Thomas Kuhn aparece associado ao conceito de “paradigma” que atravessa toda obra de Kuhn, apresentando a seguinte definição “*considero “paradigmas” as*

*realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade praticante de uma ciência”.* (Kuhn, 1962, p. 13)

De acordo com o dito acima significa que ao associar-se ciência normal com paradigma consideram-se conjunto de saberes e fazeres que garantam uma realização de uma pesquisa científica por uma comunidade. O Paradigma determina até onde se pode pensar, uma vez que dados e teorias, sempre que aplicados a uma pesquisa, irão confirmar a existência desse paradigma.

O conceito de ciência normal se desenvolve junto com a ideia de paradigma, na medida em que podemos compreender que a ciência normal é produto e produtor de um paradigma. Ainda na senda de Kuhn (1962) a ciência normal é o estado de uma ciência na qual suas pesquisas e seus resultados são previsíveis, isto é, ela acontece adequando a realidade às teorias e esquemas conceituais que os cientistas aprendem na sua formação profissional, neste contexto os trabalhos de fim de curso servem para aperfeiçoar ou comprovar o saber sobre gênero.

Extrapolando a definição do conceito para o campo deste estudo, podemos conceber os trabalhos de fim de curso que abordam temáticas de gênero como estando submetidos também a um paradigma, isto é, a uma forma de entender e fazer ciência na área da sociologia que leva em consideração um aspecto dos fenômenos de ensino e aprendizagem, para este caso concreto os fenômenos ligados a área de gênero.

## Capítulo III

### 3. Metodologia

Nesta secção iremos proceder com a escolha dos caminhos a seguir para alcançar o nosso objecto. Assim, vamos seguir com a escolha do método de abordagem, de procedimentos, as técnicas de recolha de dados e a delimitação do universo dentro do qual iremos extrair a mostra com a qual vamos trabalhar para a obtenção dos dados.

#### 3.1 Método de Abordagem

Neste subcapítulo, escolhemos aquele que será o método pelo qual vamos proceder para tratar do nosso objecto. O método de abordagem eleito é o Dialético porque este é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, por seu turno o nosso estudo fundamenta-se na ideia de que a institucionalização e legitimação do interesse pelas questões ligadas ao género pelos estudantes de sociologia são explicadas com recurso a sua integração no contexto social específico daí que se justifica a opção por este método (Gil, 2007; Lakatos e Marconi; 2003)

A fundamentação deste método de abordagem que inspira o nosso estudo enquadra-se em dois princípios básicos de interpretação da realidade segundo Engels (apud Gil, 2007):

- a) O primeiro dos quais diz respeito à *Unidade dos opostos*, que considera que todos objectos e fenómenos apresentam aspectos contraditórios, que são organicamente unidos e constituem a indissolúvel unidade dos opostos.
- b) O segundo princípio fundamenta-se na *quantidade e qualidade*, em que estas duas são características imanescentes a todos objectos e fenómenos e estão inter-relacionados. Neste contexto no processo de desenvolvimento, as mudanças quantitativas graduais geram mudanças qualitativas e essa transformação opera-se por saltos.

No que concerne ao primeiro princípio partimos do fundamento de que existe uma relação orgânica entre o processo de institucionalização das temáticas de género no departamento de sociologia com o interesse crescente dos estudantes em escrever sobre temáticas de género nos seus TFC.

Por fim, o segundo princípio encontra fundamento na ideia de que as mudanças ocorridas no período privilegiado por esse estudo, neste caso definido entre 2010 e 2013, indicam que em termos quantitativos houve uma mudança visto que houve maior número de estudantes que passaram a escrever sobre questões ligadas a género nos seus TFC. Desta forma, procuramos neste estudo estudar sobretudo as qualidades geradas por essas mudanças quantitativas ao longo do tempo na tentativa de acharmos um discernimento qualitativo em torno desta questão.

### **3.2 Método de Procedimento**

No que diz respeito ao procedimento, vamos recorrer ao método monográfico, que segundo Marconi (2003), consiste em estudar, com profundidade determinado facto sobre todos os seus aspectos. Deste modo, com este método, vamos poder abordar a percepção social dos estudantes considerando a sua dimensão subjectiva e objectiva, como nos propõe a teoria base do estudo, a construção social da realidade.

### **3.3 Técnicas para recolha de dados**

A recolha de dados foi feita com base em duas técnicas, uma secundária e outra principal segundo a classificação de Quivy e Campenhoudt (1992). A secundária, que foi a primeira a ser utilizada, foi a bibliográfica a partir da qual iniciamos o nosso trabalho recorrendo a um conjunto de material bibliográfico (livros e artigos científicos) na fase exploratória para a construção do problema, da problemática, definição dos conceitos e discussão dos resultados. Para este último ponto, este método foi importante, pois permitiu-nos dialogar com outros autores e fazer algumas considerações as quais os dados nos remetiam.

A entrevista semi-estruturada foi a principal técnica para a recolha de dados e foi aplicada junto do nosso grupo-alvo. Gil (2007) sublinha que estas entrevistas apresentam um certo grau de estruturação combinado com algumas perguntas que dão ao investigador a possibilidades de ir adaptando ao longo da entrevista as questões em função das respostas dos entrevistados. Esta técnica, vai permitir uma maior liberdade aos entrevistados por terem facultado alguma informação não prevista pelo investigador o que também permitiu explorar dados não colhidos pelo questionário.

Ao longo das entrevistas procuramos, em cada entrevistado, aplicar todas as perguntas do nosso guião, mas em função das informações que estavam sendo facultadas por este, vimo-nos na necessidade de introduzir novas perguntas.

Estas entrevistas foram administradas em diferentes locais em função das condições encontradas para a localização do nosso grupo-alvo. Este foi constituído apenas pelos estudantes que escreveram sobre as questões ligadas ao género nos seus TFCs entre 2010-2013. Este estudo teve dois grupos de estudantes, dos quais 5 são os que se encontravam no país coincidentemente estes estavam na cidade de Maputo, e outros 3 estudantes que se encontravam fora do país por via de estudos. Tivemos acesso aos 3 primeiros com ajuda de alguns docentes que os tinham supervisionado nos seus TFCs e a partir destes foi-nos possível localizar os outros estudantes, tivemos que recorrer às redes sociais para entrar em contacto com os outros que se encontravam fora do País e a medida que íamos localizando.

Os estudantes interpelados indicaram-nos outros pois tinham sido colegas na universidade. Tanto numa como noutra situação, foi a técnica de bola de neve que nos possibilitou a localização da maior parte do nosso grupo, pelo que paramos quando atingimos o número amostral desejado para o nosso estudo.

A bola de neve é uma técnica amostral, apontada por Albuquerque (2009) que consiste em partir de um, dois ou mais indivíduos que são a priori conhecidos para ter acesso a outros que poderão constituir membros da amostra. Esta técnica foi-nos útil porque facilitou a localização dos estudantes e a aceitação dos estudantes em participar do estudo, uma vez que, éramos pessoas indicadas por conhecidos seus.

Localizados os entrevistados, o trabalho de campo foi realizado durante a primeira, segunda semana do mês de Abril, havendo dias sem trabalho. No primeiro dia entrevistamos dois no terceiro dia é que conseguimos entrevistar o terceiro, o que permitiu que no dia seguinte começássemos entrássemos em contacto com os outros que marcaram as entrevistas para semana seguinte. Enquanto isso ocorriam as entrevistas com os estudantes que se encontravam fora do país e estas aconteciam nas noites por meio do recurso às redes sociais, onde na primeira semana entrevistamos dois e na segunda semana entrevistamos o outro. Todas entrevistas feitas sempre foram feitas de acordo com a hora e locais marcados pelos estudnates. Numa situação nos

deslocávamos até ao local de trabalho de um dos participantes, depois de termos combinado o dia a hora, noutra situação tivemos que nos deslocar até ao local mais próximos das suas residências.

O recurso ao telemóvel foi fundamental para encurtar as distância e localizar os estudantes, pois, foi por esse meio de meio de comunicação que estabelecemos os primeiros contactos com os entrevistados que acordavam em participar do estudo e do local e hora nos quais as entrevistas seriam realizadas. E as outras entrevistas foram feitas através do Skype para o caso dos estudantes que se encontravam fora do país. Todas entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados.

De uma forma geral, as entrevistas tinham em média uma duração de 35 a 45 minutos, havendo tempo para que deixássemos os entrevistados fazerem fluir a sua imaginação e descreverem detalhadamente as suas experiências enquanto estudantes e suas relações com temáticas de género sem, com isto, fugir ao foco da investigação do estudo.

### **3.4 Universo e Amostra**

Quanto a nossa unidade de análise interessa referir que é constituída por estudantes que abordaram temáticas de género em seus trabalhos de fim de curso.

O universo deste estudo é composto por um total de 17 estudantes que escreveram sobre género nas suas monografias, sendo que seleccionamos 8 recorrendo a amostra de tipo intencional mas combinada à amostra de tipo estratificada. Esta combinação primeiramente consistiu em seleccionar todas as monografias que abordavam a temática de género e depois organizá-las em função do ano em que foram apresentadas para a obtenção do grau de licenciatura em sociologia. Deste modo, optamos assim numa primeira fase em recorrer a amostra de tipo estratificada proporcional com a finalidade de apresentar uma amostra representativa por estratos sem que se perca também a representatividade do universo em seu todo.

**Tabela 4:** Construção da amostra sobre as monografias com temáticas de género, 2010 - 2013

<b>Ano</b>	<b>População</b>	<b>Amostra (0.5*total Estudantes ano x)</b>
2010	3	1
2011	4	2
2013	10	5
<b>Total</b>	17	8

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Esta tabela ilustra a construção da amostra estratificada baseada numa selecção intencional em que em 2010 entre 3 estudantes que falaram sobre género em seus trabalhos finais seleccionamos apenas 1 estudante; para o ano 2011 num total de 4 seleccionamos 2; para 2013 num total de 10 seleccionamos 5. A selecção da amostra foi sempre feita na tentativa de garantir a representatividade em cada ano.

### **3.5. Princípios éticos observados na recolha de dados**

Embora tenhamos sentido que não tivemos muitas restrições sob ponto de vista da ética de investigação, procuramos garantir a vigência dos aspectos básicos. Primeiro garantimos que a participação fosse totalmente voluntária. Este princípio fez com que não tivéssemos que insistir aos estudantes a participarem do estudo. Estes remarcavam continuamente as entrevistas depois de sucessivos desencontros, o que fez com preferíssemos procurar outros para não forçar a participação e isto só aconteceu para um único caso. O mesmo aconteceu do lado de alguns estudantes que abertamente mostraram indisponibilidade em ceder a entrevista.

O segundo princípio aplicado está ligado ao anonimato. No início de todas as entrevistas advertimos aos entrevistados que não tinham obrigação de dizer os nomes, embora alguns tenham afirmado que não teriam nenhuma interdição caso fosse necessário. Assim, preferimos nem mesmo usar nomes fictícios, limitando-nos, ao longo do tratamento dos dados, a recorrer a designação estudante e grupo do ano de frequência na universidade, assim como o sexo dos, para nos referirmos aos entrevistados.

A utilização da designação anterior garantiu o terceiro princípio, o da confidencialidade. Todo o material usado esteve durante o trabalho de campo na posse unicamente do investigador. Ao longo do tratamento dos dados, coube ao investigador a organização, sistematização e



organização dos dados, pelo que, ninguém mais teve acesso ou tem condições de ligar a informação a qualquer que seja estudante entrevistado.

### **3.6. Dificuldades enfrentadas ao longo do trabalho e formas de superação**

Apesar da facilidade que tivemos em identificar o nosso grupo-alvo por intermédio da selecção das monografias que foram a primeira evidência para o início do exercício, não deixamos de enfrentar algumas situações que constrangeram a realização do trabalho. A primeira situação encontrada relacionou-se com o facto da maioria dos estudantes que escreveram sobre género e abrangidos pelo ano que constituía o maior grosso das subunidades amostrais, encontrar-se no estrangeiro a estudar o que dificultou a sua localização. Tivemos sim seus contactos, mas não se mostraram imediatamente disponíveis, pois tivemos que recorrer ao uso das redes sociais através do envio de mensagens por correio electrónico, facebook e pelo Skype. Este último permitiu uma interacção virtual directa com os estudantes que se encontravam no estrangeiro pois foi possível gravar a entrevista directamente. Ainda sobre este aspecto, importa referir que a marcação das entrevistas foi feita mediante o contacto que tivemos com cada estudante contactado que fornecia imediatamente o contacto dos outros colegas, e casos desta natureza foram quatro, e todas estas entrevistas decorriam sempre no período de noite devido a diferenças de fusos horários dado que os quatro estudantes que deram entrevistas via Skype se encontravam no Brasil.

Para os estudantes que se encontravam no país e que constituíam parte integrante do nosso grupo alvo foi possível encontrá-los através dos contactos disponibilizados pela direcção do departamento de sociologia, embora alguns contactos não chamassem, a localização destes foi possível através dos colegas identificados pois alguns continuavam a manter contactos entre si. As entrevistas eram presenciais durante o dia e levou-se um total de três semanas para que a amostra requerida fosse completada.

## Capítulo IV

### 4. Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados

No presente capítulo procedemos com a apresentação e discussão dos resultados obtidos. Este capítulo está organizado em quatro secções. Na primeira secção apresentamos os dados referentes ao perfil sócio-demográfico dos entrevistados. Na segunda secção apresentamos os dados referentes às três categorias identificadas das noções dos estudantes sobre o género. Na terceira secção apresentamos as diferentes formas como os estudantes vivenciaram as suas experiências ligadas às questões de género dentro e fora da faculdade; Na quarta secção expomos os dados referentes às quatro categorias identificadas das motivações dos estudantes para o estudo das temáticas de género.

#### 4.1 Perfil sócio-demográfico dos entrevistados

Dedicamos este subcapítulo a apresentação e descrição do perfil sócio-demográfico dos entrevistados tendo em conta nove variáveis, nomeadamente: a idade, o sexo, o estado civil, a escolaridade, a profissão, a religião, a filiação associativa, ano de ingresso e conclusão e província de origem. Devido ao volume da informação e a necessidade de organizar melhor os dados, trazemos a informação sintetizada em dois quadros separados, como temos a oportunidade de ver a seguir.

**Tabela 5:**Dados sócio-demográficos

Nº	Sexo	Idade	Estado Civil	Ano de ingresso	Ano conclusão
1	Masculino	24	Solteiro	2009	2013
2	Feminino	24	Solteiro	2009	2013
3	Masculino	26	Solteiro	2009	2013
4	Masculino	25	Solteiro	2009	2013
5	Masculino	27	Solteiro	2009	2013
6	Feminino	34	Solteiro	2006	2010
7	Masculino	31	Casado	2007	2011
8	Masculino	28	Solteiro	2007	2011

**Fonte:** Adaptado pelo autor

De acordo com os dados da tabela anterior, a idade média dos entrevistados é de 27 anos. O entrevistado com a idade mínima tem 24 anos, enquanto o entrevistado mais velho (com a idade

máxima) tem 34 anos de idade. Em função destes dados podemos afirmar que todos os entrevistados encontram-se na faixa etária de jovem. O sexo apresenta a disparidade na representatividade dos dois géneros não tendo sido nada pré-definido. Podemos verificar que dentro de um total de 8 indivíduos só dois são mulheres e os restantes 6 são homens. Este dado revela que o interesse pelo estudo de temas ligados ao género não se limitam as mulheres, sendo também do interesse masculino.

O estado civil apresenta uma semelhante disparidade, na medida em que maior parte de 7 encontra-se na condição de solteiro e um entrevistado é que encontra-se na condição de casado. A tabela em referência demonstra que dois é que ingressaram para UEM no ano de 2007, um em 2006 e os restantes ingressaram no ano de 2009. Quanto ao ano de conclusão, os de 2007 concluíram em 2011, o de 2006 em 2010 e os de 2009 em 2013, o que revela que todos fizeram a sua formação superior no nível de licenciatura em quatro anos.

**Tabela 6:** Dados sócio - demográficos

<b>Profissão</b>	<b>Filiação associativa</b>	<b>Religião</b>	<b>Província de origem</b>
Investigador	Nenhuma	Cristã/Methodista	Cidade de Maputo
Activista de Direitos Humanos	Move Fam	Nenhuma	Zambézia
Estudante (mestrando)	Nenhuma	Cristã/Católica	Nampula
Estudante (mestrando)	Academia Afro-forense	Cristã	Gaza
Estudante (mestrando)	Nenhuma	Cristã	Cidade de Maputo
Assistente Administrativa	Nenhuma	Cristã/Católica	Cidade de Maputo
Gestor de Programas	Rede-HOPEM	Cristã	Inhambane
Investigador	Nenhuma	Cristã	Cidade de Maputo

**Fonte:** Adaptado pelo Autor

Neste quadro procedemos com a descrição de 4 variáveis. A primeira diz respeito a profissão na qual observamos que 3 entrevistados encontram-se na mesma condição, de estudante no nível de mestrado. Outros dois dedicam-se a actividade de investigador. Os 3 restantes têm como profissão a de assistente administrativo, gestor de programas e actividade de direitos humanos. Na questão do associativismo, observamos que 5 elementos da nossa amostra é que não estão filiados a qualquer associação. Quanto aos restantes, estes fazem parte de associações como Move Fam, Academia Afro-forense e Rede-HOPEM.

As duas últimas variáveis nas quais nos baseamos são a religião e a província de origem. Na primeira variável constata-se que os entrevistados fazem parte da religião cristã (católica e

metodista), somente dois casos é de indivíduos que não professam nenhuma religião. Na segunda variável observamos que a província de Maputo é a mais apontada como sendo a de proveniência, porém, identificamos também as província de Nampula, Zambézia, Gaza e Inhambane. Neste sentido, os nossos entrevistados têm origem maioritariamente da região Sul de Moçambique.

De uma forma geral, podemos resumir o perfil dos entrevistados com os quais trabalhamos afirmando que trata-se de jovens de ambos os sexos, que encontram-se maioritariamente na condição civil de solteiros e que largaram a UEM no máximo até 2013. Alguns destes jovens estão a dar continuidade aos estudos e outros já encontram-se no mercado de trabalho, assim como integrados em diferentes associações das quais se identificam com a questão da promoção da igualdade de género.

## **4.2 Percepções sobre o interesse pela temática do género**

Neste segundo subcapítulo retratamos dados que nos permitem analisar e interpretar as percepções que os indivíduos têm o interesse que se tem pela questão do género nas sociedades contemporâneas. Como pressupõe o tratamento de dados qualitativos, recorreremos as categorias para a interpretação dos dados em análise nesta parte do trabalho. Deste modo, os dados permitiram construir duas categorias: género como um tema de interesse académico e género como um tema de interesse internacional.

### **4.2.1 Género como um tema de interesse académico**

A sociedade é constituída por diferentes espaços nos quais diferentes realidades ganham e perdem a sua relevância em dentro de épocas específicas. Nesta secção discutimos a temática do género como uma realidade que ganha relevância dentro do académico, baseando-nos na percepção que os indivíduos possuem.

Procuramos saber juntos dos estudantes que tenham se dedicado ao estudo do género nos seus trabalho do final do curso, qual a sua percepção sobre a actualidade desta temática nas sociedades contemporâneas, pelo foi-nos dito tratar-se de uma questão que vem ganhando muito

interesse dentro do campo acadêmico dentro do qual tem dado origem a muitos trabalhos, como podemos aferir a partir dos depoimentos seguintes:

“A ideia de gênero teve uma entrada muito forte em particular no departamento de sociologia, foi um assunto bastante discutido por múltiplas razões que posso não conhecê-las todas, mas pôde perceber um pouco que a passagem por aí ou a relação entre o Wilsa que é o grande movimento feminista, tudo indica que grande parte das professoras estiveram por aí e criaram essa disciplina aí, acabou fazendo com que o interesse sempre está-se, a existência da disciplina que depois foi continuada pela professora Rehana, acho que primeiro foi a Maria Alguma coisa de lá da Wilsa, mas depois a professora Rehana deu a continuidade” (Estudante licenciado em 2013, sexo masculino)

“Eu tive um módulo na cadeira sobre gênero e direitos humanos na verdade já tinha tido numa cadeira de antropologia debates sobre gênero e uma palestra também sobre gênero isso em 2006 se não estou em erro e em 2008 tivemos uma cadeira que despertou em mim um interesse maior e acredito que com alguns colegas também que escreveram sobre gênero. O gênero apareceu como muito importante para o campo acadêmico, até que muitos estudantes interessaram-se por ele” (Estudante licenciado em 2010, sexo masculino)

A temática do gênero aparece, para os estudantes, dentro do campo acadêmico no qual foram desenvolvidas algumas iniciativas ligadas a ela. No primeiro depoimento podemos ver a referência a ligação dos docentes do Departamento de Sociologia (DS) com a Wilsa Moçambique e a introdução de uma cadeira na qual tratavam-se questões referentes ao gênero. Os elementos anteriormente mencionados não estão desvinculados um do outro, ora vejamos:

Por um lado, temos docentes vinculados a uma organização da sociedade civil especializada na promoção da igualdade de gênero e emancipação das mulheres. Esta relação, docente-Wilsa, permite o comprometimento dos primeiros com relação aos princípios defendidos pelo segundo, como o faz saber Touraine (1974) ao afirmar que o comprometimento da sociedade civil implica a transformação de cada indivíduo em sujeito responsável pela construção do outro como sujeito defensor dos direitos humanos.

Do outro lado, temos a introdução da cadeira de gênero como a manifestação desse comprometimento com a questão dos princípios ligados aos movimentos que defendem a

igualdade de género. A educação é, afirma Kuhn (1962), um meio pelo qual os professores impõem aos estudantes temáticas e realidades a serem do seu interesse. É neste sentido que os estudantes entrevistados possuem a percepção social de que a actualidade do género resulta destes dois elementos, que podemos sintetizar afirmando que reflectem o comprometimento dos docentes do departamento de sociologia com relação a questão do género.

No depoimento seguinte a relevância do género no seio do contexto académico reflecte-se não só pela existência de uma cadeira destinada ao seu conteúdo, mas também pelo crescente interesse que os estudantes foram tendo pelo seu estudo. Havia assim, a questão em referência reflecte a aceitação de uma estrutura transmitida numa determinada época e campo, pois não basta que existam pessoas interessadas a impor um determinado assunto como relevante para que este seja assumido como tal. É também importante que o destinatário esteja em condições circunstanciais de aceitar o que lhe é sugerido. Porém, de acordo com os entrevistados, o destinatário – estudantes – receberam a aceitaram como relevante a questão do género.

Esta capacidade de perceber que o género aparece dentro da academia como um elemento que vêm ganhando destaque é relevante para que os estudantes construam um sentimento de identificação com esta realidade. Como afirma Foucault (1974), cada campo dispõe de um conjunto de técnicas e mecanismos por meio dos quais são transmitidos os discursos dominantes e procura garantir que estes sejam reproduzidos, sendo relevante garantir que estes sejam do conhecimento e do alcance dos indivíduos que nele encontram-se inseridos.

O facto de os entrevistados conseguirem identificar o género como relevante é revelador do papel da disciplina de género como uma estratégia por meio da qual o discurso sobre o género se impõe e ganha espaço dentro do DS, como campo de estudo no qual interessamo-nos por explorar. Podemos afirmar, como forma de fechar esta secção, que a percepção social da actualidade de género é construída num campo específico onde os actores sociais ocupantes de posições superiores – para usar a perspectiva de campo de Bourdieu (2003) -, com capacidade de impor representações, introduções e transmitem conteúdos referentes a esta temática, conseguindo assim, que os estudantes reconheçam a sua relevância na actualidade.

#### 4.2.2 Género como um tema de interesse internacional

A sociedade não é constituída por diferentes espaço que coexistem, como também apresenta espaços ou campos mais abrangentes dentro do qual emergem outros. É neste sentido que, o campo académico que discutimos anteriormente pode estar inserido num campo mais abrangente. Neste caso o internacional. Alguns dos estudantes com os quais trabalhamos afirmaram que a questão do género ganha relevância dentro do campo internacional do qual emergem exigências no sentido de valorizar-se o género.

Podemos verificar nos depoimentos seguintes como está expressa esta percepção social da valorização da questão do género:

“Eu penso que é um interesse que responde muito às pressões internacionais sobre a necessidade de enquadrar as mulheres. É claro que há pessoas que fazem e nem o fazem por pressões internacionais só fazem mesmo porque já reconheceram mas o primeiro passo que temos sobre as questões de género são as pressões internacionais essa é a minha opinião, não é uma coisa que vem de dentro para dentro e é uma coisa que veio de fora para dentro e alguns de nós já percebemos que é necessário” (Estudante licenciado em 2013, sexo masculino)

“Eu acho que tem muito a ver claro com as políticas internacionais que nos conduziram a pensar sobre esse assunto obviamente que não é uma coisa que a nível de política ou a nível de discussão. É possível perceber que esse tipo de discussão já existia, mas não era organizado da mesma forma que se organiza hoje, talvez não tinha uma capa, não se falava de género, não se falava de feminismo mas acho que já existia esse debate, as pessoas já sentavam e pensar de forma diferente, já vivenciavam de formas diferentes” (Estudante licenciado em 2013, sexo feminino)

Tanto num como noutro depoimento dos dois que apresentamos nas linhas anteriores está clara valorização internacional da questão do género não obstante no primeiro caso referir-se a pressões internacionais e no segundo a políticas internacionais. Para além deste elemento, nestes depoimentos verificamos como o contexto internacional é apontado como o ponto de origem para que o género fosse assumido em outros campos, incluindo o académico.

Diferentemente dos estudantes que percebem o género como uma questão que ganha relevância dentro do campo académico no DS, os desta categoria percebem que a actualidade neste campo resulta da relevância, antes, do contexto internacional do qual emergem políticas e pressões que se impõem. Contudo, é dentro destes micro-espacos – só para diferenciar do contexto

internacional que consideramos macro-espaco – que os estudantes também aprendem sobre a origem da questao do genero. Estes conteudos sao apreendidos nas disciplinas de genero no DS que influenciam na construcao da percepcao da valorizacao do genero no contexto nacional. Recorrendo a Berger e Luckmann (2004), podemos afirmar que neste espaco os estudantes interiorizam os conteudos que lhes sao transmitidos, construindo assim a sua propria realidade.

Uma vez que o primeiro grupo de estudantes e o segundo constroem a sua realidade dentro do mesmo campo, seria relevante questionar o por que de apresentarem sentidos diferentes. É importante sublinhar que os estudantes sao actores sociais dotados de uma certa reflexividade, o que faz com que não interiorizem da mesma maneira uma mesma realidade, construindo significados diferentes (Berger e Luckmann, 2004).

Assim, enquanto o primeiro grupo de estudantes analisados na secção anterior constrói a sua percepção social sobre o genero em função do comportamento e das experiencias dos docentes ligados ao genero, os estudantes do grupo analisados nesta secção constroem a sua percepção social sobre o genero em função do conteudo que os docentes transmitem na cadeira de genero. Estes sao elementos relevantes para compreendermos o facto de alguns entrevistados remeterem ao campo académico do DS e outros ao contexto internacional.

### **4.3 Experiências relacionadas com género vivenciadas dentro e fora da academia**

Nesta secção procuramos explorar as experiencias relacionadas com genero vivenciadas pelos estudantes dentro e fora da universidade. Buscamos a partir das experiencias dos estudantes relacionar até que ponto elas influenciam no interesse destes em escrever sobre temáticas de genero, partindo do pressuposto de Berger e Luckmann (2004) segundo o qual as formas como as pessoas experimentam uma determinada realidade que é dada como um dado acabado, influencia as suas acções e concepções sobre essa realidade.

Os dados sistematizados permitiram a construcao de categorias a partir das quais realizamos a sua interpretacao. São as seguintes categorias: participacao em salas de aulas; participacao em movimento feministas; participacao em pesquisas na área de genero. Dedicamos as proximas linhas a análise e interpretacao dos dados referentes a estas categorias.



### 4.3.1 Participação em salas de aulas

Introduzimos a nossa discussão com as experiências vivenciadas nas salas de aulas pelo facto de ser um espaço partilhado por todos os estudantes, não obstante alguns estudantes não terem vivenciado, experiências ligadas ao género nele, uma vez que, a disciplina de género era opcional, isto é, fazia o estudante que quisesse. Antes é importante fazer algumas considerações quanto a sala de aulas.

A sala de aulas não pode ser apenas concebida como um mero espaço físico no qual encontramos elementos físicos. Antes, para os efeitos conceptuais deste trabalho, concebemos a sala de aulas como um *Realfaktoren*<sup>12</sup>. É um espaço simbólico no qual ocorrem as trocas simbólicas, constroem realidade, partilham e diferenciam-se percepções, resumidamente, é um espaço socializador (Berger e Luckmann, 2004). Só para enfatizar esta perspectiva podemos recorrer a Freire (1967) que concebe a educação como um elemento de construção de uma consciência, de um estado de espíritos e de comportamento, o que faz com que a sala de aulas, um espaço educacional, seja, igualmente um campo de construção de consciência.

Deste modo, assumimos que as experiências vivenciadas em salas de aulas relativamente a questão de género são relevantes para que possamos, por meios delas, compreender as vivências dos estudantes que tenham escrito sobre o género nos seus trabalhos de final de cursos. Olhemos alguns depoimentos apresentados por estes estudantes:

“Passamos a discutir muito e efusivamente sobre género dentro da sala de aulas até em cadeiras que não tinham nada a ver com o género, e aquilo para além das conversas que estabelecíamos com os colegas, afinal de contas, era um assunto novo e tudo o que é novo que cria em nós grandes expectativas não conseguiam nos calar, então acabava sendo um tema de discussão em qualquer canto, em qualquer lugar” (Estudante licenciado em 2013, sexo masculino)

“Participei em muitos debates tanto na sala de aulas. Eram debates que eram paralelos discutíamos temas muito interessantes lembro-me de ter debatido temas como homens

---

<sup>12</sup> Definido como sendo factor real que regula as condições nas quais ocorrem os factores ideais (Berguer & Luckmann, 2003). Por sua vez os últimos dizem respeito a todo um conjunto de pensamento historicamente determinado e partilhado pelos membros da sociedade.

na garrafa e mulheres poderosas eram temas de reflexão sobre mulheres ligadas ao curandeirismo, mulheres curandeiras, que de certa forma tinham um poder sobre os homens” (Estudante licenciado em 2011, sexo masculino)

Antes de falar especificamente da sala de aulas, podemos nos referir ao facto de a escola se considerar um espaço no qual ocorre a socialização secundária, que, dependendo da força das técnicas de transmissão de discursos, pode levar os actores sociais a reconstruírem a realidade com a qual vinham antes de se integrarem neste espaço. Nesta ordem de ideia, é natural que os estudantes tenham tido as suas primeiras experiências ligadas ao género neste espaço.

Como defende Barreto (2010) ao afirmar ser importante a definição de políticas e programas educativos de conscientização dos indivíduos no que tange a necessidade de se reconhecer a igualdade entre homens e mulheres, pois as mudanças sociais estão ligadas a participação do homem no processo histórico e, esta participação depende do nível de educação que cada sociedade apresenta. A escola é uma estrutura na qual ocorre formalmente a educação, contudo, é nas relações cara-a-cara nas quais este processo materializa-se.

Seríamos crucificados pelos etnometodólogos se retirássemos o processo educativo das interações quotidianas em salas de aulas. Berger e Luckmann (2004) reiteram que a conversa se constitui como sendo o veículo mais importante de partilha e conservação da realidade. Neste contexto, os depoimentos acima expostos revelam que como as conversas em salas de aulas constituem espaço nos quais os estudantes vivenciam as experiências significativas ligadas a questão do género, podendo assim, constituírem base para a construção do seu estoque de conhecimento com base no qual passaram a interpretar as realidades com as quais entravam em contacto.

Afinal, o estoque de conhecimento é toda a informação que os actores sociais acumulam nas suas experiências que vivenciam em diferentes tempos e espaços com base nas quais constroem as suas acções, a sua realidade e interpretam o mundo dentro do qual encontram-se inseridos. Uma vez que os estudantes, apontaram para as experiências vividas em salas de aulas, é compreensível que estas tenham sido a base para a acumulação da informação que possuem sobre género. Ou melhor, tenham sido o ponto de partida para que começassem a lidar com esta questão.

Observando o primeiro depoimento, podemos constatar que o carácter de novidade do tema género para o nosso entrevistado. Foi na sala de aula onde teve o primeiro contacto com a questão do género dentro dos moldes que lhes foi apresentado. O entrevistado aprendeu, a partir das salas de aulas a problematizar, as relações entre homens e mulher sob ponto de vista da estrutura analítica “género”. Ocorreu aqui a passagem de uma atitude natural para o nível de problematização.

Schutz (1979) descreveu a atitude natural como o comportamento que o actor social adapta ao longo do seu quotidiano, preocupando-se com a dimensão pragmática e vendo o mundo social como uma realidade natural que é como é porque assim deve ser. Enquanto o nível da problematização revela aquele momento no qual o actor social questiona-se sobre o fundamento da realidade com a qual entra em contacto, buscando construir uma explicação plausível.

Este é também um momento dialéctico no qual o conhecimento que o estudante traz consigo entra em contacto com uma realidade que lhe é estranha, sendo uma oportunidade para que possa interiorizar a questão do género no seu conhecimento acumulado. Aqui o indivíduo é construído, o entrevistado é construído pela estrutura da sociedade, contudo, posteriormente, especialmente, a quando da realização do seu trabalho de final do curso, ele vivencia o momento da exteriorização, o da construção do conhecimento sobre género.

No segundo depoimento identificamos a nomeação de algumas dimensões ligadas ao género. Ainda que não sejam todas as dimensões que foram transmitidas ao longo das experiências disciplina que os estudantes estavam a frequentar, são reveladoras de uma questão interessante. Os estudantes estavam sendo integrados num campo dentro do qual existem discursos dominantes. De acordo com Foucault (1987), dentro deste campo os indivíduos são ensinados no que pensar, não podendo dizer o que quiser, como quiser e quando quiser. Deste modo, as dimensões do género que são transmitidas servem de balizas para delimitar os temas que os indivíduos podem construir caso se interessem em desenvolver qualquer análise. Seria relevante, neste sentido, identificar os aspectos de género que os estudantes valorizaram no seu trabalho, porém, este é um empreendimento que não tem lugar dentro dos limites deste trabalho.

Fazendo uma breve retrospectiva do que discutimos nesta secção, importa-nos afirmar que a salas de aulas constitui um espaço onde os estudantes aprendem temas relacionados com

género, constituindo o seu primeiro contacto com esta questão, pelo que pode ser vista como uma base determinante na construção do conhecimento em torno desta realidade.

#### **4.3.2 Participação em pesquisas na área de género**

O segundo espaço no qual os estudantes vivenciaram experiências ligadas a questão do género foi em pesquisas viradas a este tema. Estas são vivenciadas fora como dentro da universidade, todavia, para os casos analisados nesta secção, os entrevistados afirmaram que as pesquisas das quais participaram, foram realizadas no DS. A seguir analisamos e interpretamos os dados que nos permitem compreender estas experiências. Mas antes, podemos dar-nos espaço para reiterarmos mais uma vez que estamos diante de um espaço no qual ocorre a socialização secundária.

Os espaços de socialização secundária são infinitos. De acordo com Berger e Luckmann (2004), depois de passar pela socialização primária na família, o actor social está sujeito a vivenciar subsequentes socializações e ressocializações nos diversos espaços dos quais participa, sendo que alguns poder ser continuidades de outros e outros mesmo sua ruptura. Nestes casos específicos, a pesquisa sobre género constitui um espaço de socialização que dá continuidade aos conteúdos interiorizados nas salas de aulas.

Podemos aferir a partir de alguns depoimentos que os entrevistados reconheçam as pesquisas como ligadas ao género um espaço no qual vivenciam experiências significativas sobre esta questão:

“Sempre foi dentro da universidade, todas as pesquisas em que eu participei sempre passavam por analisar género, estive no grupo de pesquisa que era coordenado por uma activista dos Direitos humanos e todas as pesquisas que se faziam tinham lá a componente de género e eu fiz o curso na altura em que ela era chefe do Departamento então todas pesquisas que eu fiz sempre teve a tonalidade de género”( Estudante licenciado em 2013, sexo feminino)

Outro ainda disse:

“Comecei a trabalhar a ser estagiária no departamento pesquisa de sociologia e nessa altura a linha de pesquisa do departamento de sociologia era muito ligada a género então

tínhamos muito espaço para discutir muito isso” (Estudante licenciada em 2013, sexo feminino)

Estes dois depoimentos trazem elementos relevantes de serem interpretados. No primeiro destacamos o facto de fazer-se referência não só as pesquisas das quais fizeram parte, como também ao facto de ter-se passado por uma formação na qual foram leccionados conteúdo ligados ao género. Diante desta exposição contínua sobre a informação ligada ao género torna-se difícil para um indivíduo não interiorizar o que lhe está sendo transmitido.

Berger e Luckmann (2004) reconhecem o facto de existirem realidade enraizadas na subjectividade dos actores sociais difíceis de serem transformadas, o que requer o trabalho contínuo e constante para que a mudança seja possível. A exposição na sala de aulas – como vimos anteriormente -, a participação em pesquisa e a participação em formações são eventos simultâneos ou subsequentes que reforçam o discurso de género, concorrendo para que os estudantes assimilem e reproduzam estes discursos.

Seguindo o pensamento de Foucault (1987) podemos ver que todos estes eventos constituem mecanismos e técnicas de transmissão e imposição de discursos adoptados pelos docentes do DS, uma vez que, os mesmos que dão a disciplina de género neste departamento, são os mesmo que orientam as pesquisas, assim como as palestras sobre género. Existe aqui, adoptando a perspectiva de Kuhn (1962) uma tentativa de imposição de um paradigma dentro do qual estabelecem-se as questões ligadas a género como realidade relevantes de serem objecto de investigação e reflexão.

A questão de paradigma fica mais explícita no segundo depoimento no qual afirma-se que as pesquisas do DS de sociologia estavam, no momento no qual os interlocutores vivenciaram as suas experiências ligadas ao género, inclinadas para o estudo destas questões. Reconhece-se assim, que o género tornou-se um discurso dominante no campo da sociologia dentro do DS, pelo que os estudantes que sentem coagidos em lidar com esta questão mesmo que não queiram, correndo o risco de não participar em pesquisa realizadas neste campo académico.

Esta situação distancia-se parcialmente dos dados discutidos quanto a disciplina de género. Se na disciplina de género os estudantes tinham a abertura para frequentar ou não por ter um carácter opcional e não obrigatório, nas pesquisas realizadas no DS as realidades são um pouco

diferentes, visto que, a participação em pesquisas sociológicas constitui uma aspiração de grande parte dos estudantes, pois constitui um meio de aquisição de experiências nesta área de formação. Deste modo, existe uma coercibilidade em trabalhar com a questão do gênero quando se tem interesse em participar de pesquisas sociais.

Os estudantes frequentaram a sua formação superior numa época na qual o tema gênero constituía realmente um discurso dominante ao ponto de, mesmo quando as pesquisas realizadas estavam viradas para outras realidades, procuravam, inevitavelmente, fazer menção a esta questão. O depoimento seguinte dá-nos a ideia da transversalidade da questão de gênero nos temas que tiveram lugar nas pesquisas das quais participaram no departamento de sociologia:

“As pesquisas em que eu participei muitas delas não tinham isso como foco, mas como uma categoria transversal que você pode encontrá-la na pobreza, pode encontra-la na questão de participação política, pode encontrá-la na, enfim em tudo o que é canto da vida acaba sendo indispensável, então eu participei numa que é Mulher e pobreza”  
(Estudante licenciado em 2013, sexo masculino)

O gênero tornou-se transversal que torna-se difícil ou procura-se e torna-se impossível desenvolver algum estudo sem que inclua-se essa questão, principalmente num departamento no qual tornou-se um discurso dominante. Os estudantes entraram em contacto com esta realidade nas diferentes actividades das quais fizeram parte na universidade. Num estudo desenvolvido no contexto brasileiro Machado (2004) reconhece a tendência exagerada de identificar-se tudo quanto é realidade com o gênero, como se não houvesse outra categoria analítica que fosse suficiente por si só ou uma investigação que seria profunda sem fazer referência a posição da mulher, visto que, a visão radical assume a mulher como a única violada e dominada.

É importante fazermos referência a algumas publicações que tiveram lugar no DS no período dentro do qual estes estudantes viveram as suas experiências ligadas ao gênero. Os entrevistados desta categoria fizeram a sua formação entre os anos de 2009 e 2013. Este período foi caracterizado pela publicação de três livros por parte dos docentes do departamento em referência, nomeadamente: *o livro gênero e direitos humanos*<sup>13</sup>; *o livro Impacto da violência*; e;

---

<sup>13</sup> Obra esta publicada no ano de 2010, tendo contado com a participação de docentes do departamento de sociologia, e que a inteira responsabilidade da publicação foi do departamento de sociologia da UEM.

*Mosaico Sociológico*<sup>14</sup>. O primeiro livro é totalmente virado para análise da questão do género enquanto o segundo e o terceiro, embora incluam outros temas, apresentam, igualmente artigos virados para a análise da questão do género. Por exemplo, é no livro *Mosaico Sociológico* onde encontramos o artigo “Mulher e pobreza” referenciado no depoimento anterior.

Assim, observamos que não só os estudantes escreveram sobre género, como também os docentes fizeram várias publicações no mesmo sentido, tornando esta questão um problema da época em referência, o que torna legítimos que nos estudos procuremos compreender os factores que levam a esta incidência. As publicações do departamento de sociologia constituem um forte factor de ordem sócio-académica que influencia para a produção de trabalhos do final do curso virados para o género. Esta questão será aprofundada mais adiante. Aqui importa-nos sublinhar que os estudantes estiveram integrados numa época onde cresciam os livros sobre o tema de suas monografias.

Estas experiências constituem base para a construção do conhecimento com base no qual os estudantes passariam a orientar a sua realidade. Uma vez interiorizados os conteúdos sobre o género, alguns estudantes se identificaram com estes ao ponto de realizarem um conjunto de actividades que, não só reflectiram a reprodução da realidade, como também permitiram a conservação da subjectividade construída. Vejamos algumas iniciativas decorrentes da participação dos estudantes nas pesquisas em referência:

“Decidimos criar o Movimento Universitário para Promoção de Igualdade de Género e Direitos Humanos, lembro-me que na altura quem foi a primeira pessoa a dizer que gostaria de criar um movimento, não sei se já tiveste a oportunidade de falar com ele. Foi a primeira pessoa que disse que gostava e daí foi falar com a Dra. Nair e a Dra. Nair veio muito orgulhosa a dizer que os estudantes querem fazer isso, isso é maravilhoso não sei o quê” (Estudante licenciado em 2013, sexo feminino)

Outro ainda disse o seguinte:

“Essa questão passou a ser uma agenda minha com colegas resolvemos criar organização e mais uma vez isso fortaleceu e isso já foi em 2011, isso fortaleceu o nosso amor pela

---

<sup>14</sup> Obra publicada pelo departamento de sociologia no ano de 2012, contou com a participação dos docentes do departamento de sociologia.

causa e por questões de coerência começou a se fazer necessário discutir essa questão tanto que antes eu já queria ter tido um trabalho que só discutisse as relações de género” (Estudante licenciado em 2013, sexo feminino)

As pesquisas são eventos passageiros e financiados que não podiam ser realizados de forma contínua, assim como a cadeira de género decorria um semestre por ano e os estudantes não podiam voltar a frequentar uma vez feita com sucesso. Nesta ordem de ideia, se as pesquisas permitiram a construção e uma subjectividade identificada com a questão do género, elas não podiam permitir a sua conservação, o que podia conduzir a uma crise de subjectividade.

De acordo com Berger e Luckmann (2004), a crise de subjectividade ocorre quando a estrutura social com base na qual o actor social constrói a sua subjectividade desaparece, não podendo esta ser conservada. Assim, os estudantes entrevistados sentiram a necessidade de criar uma plataforma que permitisse dar continuidade as suas experiências ligadas a género, podendo, deste modo, conservar a sua subjectividade.

A criação de uma organização ou movimento (recorrendo as categorias usadas pelos próprios estudantes) permitiu a reprodução das relações sociais vivenciadas no âmbito das pesquisas, possibilitou o contacto contínuo e constante com conteúdos ligados ao género. Neste contexto está-se diante do género como uma realidade institucionalizada entre os estudantes, passando a orientar as suas acções e fundamentar as suas práticas dentro do campo académico.

Afirmamos nas linhas anteriores que numa primeira fase a relação com conteúdos vinculados a questão do género pode constituir uma questão de falta de opção, uma vez que, os estudantes pretendiam participar de pesquisas dentro do DS. Aqui estamos perante o processo de interiorização da estrutura das pesquisas sobre género. Contudo, agora o sentido do processo social é inverso, já não é de cima-para-baixo (da sociedade para o indivíduo), mas sim de baixo-para-cima (do indivíduo para a sociedade).

A criação de um movimento ligado ao género representa um momento de objectivação, no qual estudantes exteriorizam a sua subjectividade e assumem-na como obrigatória, passando a constituir a sua base de acção, como referimos anteriormente. Podemos aproveitar este momento para resgatar Touraine (1974) para afirmar que os estudantes passam a assumir-se como actores



sociais, na medida em que transformam os seus valores e princípios em fundamentos de suas acções que visam lutar contra a dominação masculina e promover a igualdade de género.

Os dados aqui discutidos revelam um encontro dialéctico entre os estudantes e a estrutura do DS, sendo que esta foi responsável pela iniciação daqueles na matéria de género, realizando a sua socialização na qual a interiorização de conteúdos com base nos quais construíram as suas subjectividades e desenvolveram iniciativas para a sua conservação. A interpretação desta secção permitiu-nos constatar que as experiências ligadas ao género não confinam-se a sala de aulas, sendo extensivas ao raio mais alargado que é todo o campo da sociologia na UEM.

#### **4.3.3 Participação em movimentos feministas**

As experiências vinculadas ao género vivenciadas pelos estudantes não se limitam ao espaço universitário ou académico. Antes, podem iniciar fora e estender-se até este, assim como podem começar nestes espaços estenderem-se para o seu interior. Os dados que discutimos nesta secção reflectem vivências de estudantes em movimentos feministas.

Sem querer trazer uma história destes movimentos, é oportuno afirmar que foram os espaços nos quais construíram-se os fundamentos da luta da mulher pelos seus direitos, sua participação, liberdade e autonomia. O auge do seu reconhecimento ocorre no momento em que as questões de participação política da mulher e da igualdade fragmentaram-se nas visões ideológicas do liberalismo e do marxismo foram introduzidas dentro do debate das ciências sociais. (Amâncio, 2003).

Hoje estes movimentos estão espalhados por todo o mundo oferecendo a cada indivíduo, no seu país de residência, a oportunidade de participar na sua luta. Os estudantes entrevistados referem-se que também tiveram experiência no seio do movimento feminista em Moçambique por intermédio de contactos que estabeleceram com algumas organizações da sociedade civil com orientação feminista. Vejamos os depoimentos abaixo:

“Estabeleci bastantes contactos com Wilsa que é um grande movimento feminista em Moçambique pelo menos e que tem muita produção sobre o assunto” (Estudante licenciado em 2013, sexo feminino).

Outro ainda se pronunciou assim:

“Tive contacto com o Fórum Mulher também ainda faço parte da rede Fórum mulher e a vivência de cada uma das mulheres dentro do meu movimento MOVEFAM e também do Fórum Mulher era uma fonte de inspiração” (Estudante licenciado em 2013, sexo feminino).

As experiências vividas nos movimentos feministas ocorreram após as suas experiências no DS, sendo aquelas, uma forma de dar continuidade a estas, assim de solidificar a ideologia feminista. Deste modo, a passagem de um espaço para outro, ou seja, da universidade para a WILSA/Fórum mulher não significou a sujeição a um novo processo de socialização ou a passarem pela conversão. Os estudantes apenas deram continuidade a sua identidade, podendo ter um engajamento mais abrangente no que diz respeito a extensão da sua intervenção nesta área.

Dentro do campo universitário a ligação entre os estudantes e a questão do género segue uma lógica de produção de conhecimento, orientada pelos princípios da objectividade e neutralidade axiológica. Deste modo, os estudantes buscavam compreender e analisar a realidade do género. Para citar Schutz (1979), orientavam-se no sentido de problematizar a realidade. Já, no sei do movimentos feministas os estudantes não só desenvolvem uma linguagem analítica e compreensiva, como estendem-se para uma linguagem pragmática. Este encontro é o que designa-se de praxis na linguagem dos teóricos da escola de Frankfurt, como Horkheimer, Adorno, entre outros.

As relações quotidianas eram espaços de encontro e de reactivação da ideologia feministas. Estes encontros ocorriam em espaços físicos, assim como simbólicos, como podemos aferir a partir do depoimento seguinte:

“Todas outras companheiras com que eu tenho feito amizade a partir do facebook as brasileiras, as espanholas, as alemãs, então e o próprio blog influencia muito e nas ruas também, quer dizer, naquelas conversas de amizade há sempre uma componente de género por analisar, embora eu não esteja preocupada sempre em fazer essa análise, mas o meu palpite é sempre ixx, não escapa nem” (Estudante licenciado em 2013, sexo feminino).

A internet é um espaço que une pessoas de diferentes cantos do mundo, permitindo a partilha de experiência e troca de conhecimento. Castle (s.d) afirma que a internet constitui um espaço essencial para a construção dos movimentos sociais e desenvolvimento de suas actividades, na

medida em que permite aos actores sociais realizarem seus contactos, partilhar experiências e organizar suas mobilizações fora do controlo das instituições de poder interessadas em as manter sobre controlo.

Os estudantes encontram na internet um espaço que lhes permite viver as suas experiências de género em dois momentos simultaneamente que transpõem tanto, as limitações de ordem temporal, assim como de ordem espacial. Diante desta constatação, é importante que não reduzamos a nossa análise às experiências vividas na UEM, considerando este contexto como determinante para que os entrevistados tenham enveredado pelo tema do género embora o âmbito académico tenha se relevado bastante condicionante.

Os estudantes podem ter tido contacto com a questão do género na disciplina de género no DS pela primeira vez, porém, as pesquisas ligadas ao género, os movimentos feministas e as conversas na internet são espaço que não só permitem a conservação da subjectividade construída, assim como justificam e legitimam a posição assumida pelos entrevistados. Não obstante termos discutido os três diferentes espaços de experiência de forma separada, não podemos pensar que sejam mutuamente exclusivos ou que os estudantes participam de forma subsequente.

Os mesmos estudantes que frequentam a disciplina de género, são os mesmo que participam das pesquisas de género, que constroem movimentos feministas, que entram em contacto com a Wilsa Moçambique, Fórum mulher, são os mesmo que estão na internet. A participação em estes diferentes espaços pode ocorrer, e nalguns casos ocorreu, de forma simultânea, sendo que uma vez terminada a formação superior, alguns tenham dado continuidade com a sua participação nos espaços extra-académicos.

#### **4.4 Motivações para o estudo do género**

Depois de termos discutido as experiências dos estudantes relativamente as questões de género, neste capítulo procedemos com a discussão dos factores sociais e académicos (incluindo as motivações) que conduziram os estudantes a realizarem os seus trabalhos de final de curso dedicando-se ao estudo da questão do género independentemente das dimensões valorizadas. Para a interpretação que realizamos temos como quadro teórico principal a perspectiva de Berger

e Luckmann, que é auxiliada pelas perspectivas de Kuhn e Foucault, pois partimos do pressuposto segundo o qual a produção do conhecimento decorre dentro de um contexto no qual os actores vivenciam relações de poder, procuram satisfazer interesses e defender suas posições.

A partir dos dados recolhidos foi-nos possível construir duas categorias nas quais identificamos factores sociais e académicos interiores e exteriores ao espaço universitário. Primeiro discutimos a categoria da reprodução do discurso hegemónico no DS e segundo a categoria referente a defesa da ideologia feminista.

#### **4.4.1 Reprodução do discurso dominante**

Nesta secção discutimos dados que reflectem a reprodução da temática do género como um discurso dominante no DS. Porém, antes torna-se importante explicar o processo de interiorização e para que possamos explicitar os factores adjacente que constituem motivação para a realização das monografias viradas para a questão do género. Sem pretensão de repetir a discussão que realizamos nas linhas anteriores, interessa sublinhar que os dados aqui analisados são dos estudantes que afirmaram que as suas experiências limitaram-se a sala de aulas e as pesquisas no departamento.

Os dados analisados nesta categoria possibilitam-nos a identificação de três grupos de factores que representam a reprodução do discurso dominante, nomeadamente: a busca do sucesso, a busca da legitimidade e a naturalização da realidade. De modo a sistematizar a nossa discussão, trataremos de forma subsequencialmente cada um destes factores, começando pela busca do sucesso, como podemos aferir no depoimento seguinte:

“Quando fizemos um trabalho de fim de curso há sempre uma questão: primeira coisa é deixar a nossa marca de honra” (Estudante licenciado em 2013, sexo masculino)

Durante muito tempo procurou-se defender a ciência como um campo de conhecimento desinteressado no qual a única finalidade e interesse do investigador seriam a contribuição para o crescimento e progresso do conhecimento científico. Mas, as análises sobre a produção do conhecimento científico, sobre as motivações dos investigadores, como a de Bourdieu (1989), colocaram em xeque-mate a esta crença, mostrando que, assim como no campo da música, da

moda, da arte, entre outras, os autores das ciências se preocupam, igualmente, pela fama, pelo reconhecimento, pelo prestígio.

A honra a qual se faz referência no depoimento citado anteriormente não pode ser confundida com a imortalidade. A discussão entre a imortalidade e o prestígio no campo académico tem ganhado muitos adeptos numa sociedade na qual autores como Benjamim (1955) apontam para o risco de produzir-se para o mercado. De acordo com Arendt (2007), a imortalidade refere-se a uma acção livre que produz uma realidade que sobrevive para além de gerações. Enquanto, o sucesso refere-se, nos termos de Kuhn (1962), ao reconhecimento que os investigadores recebem dentro da comunidade académica pela sua obra.

Esta segunda situação apontada por Kuhn (1962) é que reflecte o caso do depoimento que trouxemos anteriormente, na medida em que não está em causa a imortalidade do estudante, mas sim o reconhecimento do seu trabalho dentro da comunidade académica sociológica. Assim, adoptar o género como objecto de estudo demonstra o carácter coercivo do discurso do género. Isto é, a promessa do sucesso em enveredar pelo estudo do género é que conduziu os estudantes escolherem este tema.

Retomando o debate sobre o desinteresse do cientista e o seu comprometimento com relação a contribuição no progresso do conhecimento científico, podemos afirmar que os estudantes do DS estão mais inclinados para o seu reconhecimento como investigadores, do que para a contribuição para o progresso da ciência. É dentro deste quadro que o género ganha relevância como objecto de estudo da sociologia no seio dos estudantes.

O segundo factor que foi-nos possível identificar como condicionante para o estudo da questão do género prende-se com a legitimidade que o trabalho do final do curso tem que ter para que o estudante possa fazer a sua formação. Vejamos o depoimento:

“Nós temos que passar, tem que passar e para tal é preciso escolher aquilo que vamos fazer a vontade, é verdade que podemos fazer aquilo que gostamos, mas temos que fazer aquilo que fazemos melhor, género era uma área em que eu já tinha cerca de dois anos de trabalho nessa área” (Estudante licenciado em 2013, sexo masculino)

Na sua fase inicial, na pessoa de Mannheim (1951), a sociologia de conhecimento limitava-se a explicação dos factores que condicionam a origem social do conhecimento. Nas contribuições

seguintes de autores como Kuhn (1962), a sociologia do conhecimento estende a sua abrangência para a validação do conhecimento. Os estudantes têm interesse em fazer a sua formação com sucesso. A satisfação deste interesse depende do cumprimento dos requisitos impostos pelo departamento para que ao estudante seja reconhecido o grau de licenciatura.

De acordo com o regulamento interno, a monografia constitui um dos requisitos estabelecidos a serem cumpridos pelos estudantes para que ganhem o grau de licenciatura, pelo que os estudantes têm a obrigação de fazer o trabalho de final do curso<sup>15</sup>. Os entrevistados reconhecem a necessidade de conseguirem legitimidade por parte da estrutura académica do DS, que apresenta o que Kuhn (1962) designa de paradigma. Vimos nas secções anteriores que o género tornou-se um discurso dominante dentro do DS, julgando pelo número de publicações dedicadas a esta realidade.

No depoimento anterior, podemos observar a passagem que diz “temos que escolher o que fazemos melhor”, que poderia levar-nos a um subjectivismo, isto é, conceber a dedicação ao género como uma escolha feita aos moldes da economia clássica, isto é, livre de qualquer constrangimento. Contudo, de seguida, ainda no mesmo depoimento, vemos a afirmação “género é uma área que já tinha cerca de 2 anos”, que é tempo suficiente para que o processo de socialização pelo qual passam os estudantes desse origem a uma identificação com relação ao género.

Sendo o género um paradigma vigente no DS, os estudantes, ao dedicarem os seus trabalhos ao estudo desta realidade, estavam realizando o que Kuhn (1962) designa de pesquisa normal, referindo-se aqueles estudos que são desenvolvidos dentro e de acordo com os princípios teóricos, metodológicos e técnicos pré-estabelecidos dentro de uma comunidade académica. A pesquisa normal ganha aceitação por parte da comunidade, assim os entrevistados tinham a consciência de que a legitimação que almejavam passava pelo cumprimento dos princípios estabelecidos no corpo de docentes do seu departamento.

Os princípios que orientam a pesquisa normal já estão estabelecidos no programa curricular do departamento e são transmitidos ao longo das experiências que os estudantes vivenciam na

---

<sup>15</sup> O trabalho de final de curso é a primeira alternativa os estudantes, estando acima do exame do estado que aparece como uma alternativa.

universidade. Sem querer repetir a informação discutida nas páginas anteriores, porém, enaltecendo a ideia que pretendemos transmitir, apresentamos este depoimento no qual um dos estudantes (Estudante licenciado em 2010, sexo masculino) afirma que “primeiro foi a palestra em 2006 depois foi a cadeira de género e direitos humanos em 2008 veio consolidar”.

Dois veículos de transmissão dos princípios que garantem a reprodução e continuidade do paradigma podem ser identificados nas falas dos entrevistados, podendo assumir a citação anterior como representativa. O primeiro veículo é o contacto directo docente-estudante no qual podemos identificar e interpretar dois elementos essenciais.

O primeiro elemento prende-se com o contacto que ocorre por meio de uma linguagem oral. De acordo com Berger e Luckmann (2004), a linguagem é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana. A Linguagem cara a cara, afirmam os autores, “possui uma qualidade inerente de reciprocidade que a distingue de qualquer outro sistema de sinais” (p. 57), o que faz com seja um veículo essencial para a transmissão e conservação de uma realidade social.

Deste modo, a disciplina de género e direitos humanos do DS e as palestras são espaços que permitem este contacto cara a cara entre o docente e estudantes reforçando a reprodução da questão de género como objecto de estudo para a realização dos trabalhos de final do curso no seio dos estudantes finalistas no grau de licenciatura.

O segundo elemento é identificado com recurso a perspectiva de Foucault (2008). Este autor mostra que a questão do poder não interfere na produção do conhecimento, mas faz parte da própria produção e transmissão do conhecimento científico. De acordo com este autor, o processo de transmissão de conhecimento representa simultaneamente uma relação de poder que define o que deve ser conhecido e investigado e aquele a quem cabe o cumprimento do definido, com risco de ver-se excluídos e apontados como desviante. Nesta ordem de ideia, na sala de aulas, os docentes aparecem como os actores que detém o poder de definir o objecto de estudo aos quais os estudantes devem dedicar-se.

Esta determinação por parte dos docentes não se limita ao momento da disciplina em causa ou da palestra, mas estende-se para o momento da realização do trabalho do final de curso, visto que, os estudantes necessitam da orientação de um supervisor que tem o poder de rejeitar ou aceitar o trabalho do estudante para que possa ser depositado no DS. Nesta ordem de ideias, a legitimação

do trabalho de final de curso está sujeita a relações de poder, devendo os entrevistados agir de acordo com o que é aceite pelos seus docentes, seja por isso que um dos estudantes afirmou que “género é uma área que tem muita aceitação no departamento de sociologia”

O segundo veículo de transmissão dos princípios paradigmáticos são os manuais/textos com matérias sobre o género. Khun (1962). O autor afirma que os manuais/textos assumem um papel importante ao arrebatam seguidores para um paradigma, pois são os veículos pedagógicos por meio dos quais a maioria dos estudantes toma contacto com o seu ramo da ciência. Vejamos o depoimento seguinte:

“Os textos que nos forneciam na cadeira de género ensinavam e muito bem, questionando as fronteiras ou barreiras socioculturais do lugar do homem e da mulher”( Estudante licenciado em 2013, sexo feminino)

O recurso aos manuais/textos como material de transmissão de conhecimento sobre o género permite que os estudantes vejam que esta questão transcende uma simples crença dos docentes, sendo também levantada por outros autores que ocupam uma posição de relevo no seio da comunidade académica. Nestes instrumentos delimitam-se as dimensões da realidade do género relevantes de serem analisados, definindo-se, deste modo, o que os estudantes podem analisar ou compreender, pois este processo é feito por meio de estruturas analíticas que interiorizam neste espaço.

Os textos e manuais revelam ainda que a transmissão da questão do género ocorre no que Berger e Luckmann (2004) apontam como sendo o terceiro nível de legitimação. Estes autores escrevem:

O terceiro nível de legitimação contém teorias explicativas pelas quais um sector institucional é legítimo em termos de um corpo diferenciado de conhecimentos. Estas legitimações oferecem quadros de referência bastante amplos para os respectivos sectores de conduta institucionalizada. Devido a sua complexidade e diferenciação, são frequentemente confiadas a pessoal especializado que as transmitem por de procedimentos formalizados” (Berger e Luckmann, 2013, p. 130)

Os textos/manuais não são usados só como meios de transmissão, mas também como fonte de legitimação da sua inclinação para a questão do género, fazendo com os estudantes compreendam que a legitimação dos seus trabalhos passa, igualmente, pela investigação da



mesma realidade. Os docentes aparecem no DS como o corpo de actores especializados e reconhecidos formalmente como os responsáveis pela transmissão do conhecimento ligado ao género.

Os dados desta secção demonstraram que os estudantes que escreveram sobre o género nos seus trabalhos de final do curso, são motivados pela busca do reconhecimento e legitimação dos seus trabalhos de final do curso, pois não só sentem compelidos a escrever sobre o género porque assim foram ensinados, mas também porque possuem a consciência da facilidade da aceitação de estudos desta natureza no DS.

#### **4.4.2 Defesa da ideologia feminista**

Trazemos nesta secção a segunda categoria dos factores que influenciam na realização de trabalho de final de curso virados para a questão do género. Como afirmamos na introdução deste subcapítulo, referimo-nos a busca da defesa da ideologia feminista, que conduz a inserirmo-nos na discussão sobre a teoria e a prática na ciência. Isto é, até que ponto pode servir da ciência para a defesa de determinados interesses.

O paradigma positivista sempre, pela sua ideia de objectividade inquestionável, fez com que a ciência servisse de escudo para os interesses dos investigadores por detrás do conhecimento que construíram. O conceito de ideologia de Mannheim (1982) foi fundamental para demonstrar que todo o conhecimento tem por detrás interesses que determinados grupos possuem. Deste modo, compreendemos o facto de nos estudantes que escreveram sobre o género serem igualmente conduzidos pela defesa de uma ideologia feminista. Mesmo porque as ciências sociais são apontadas por Almeida (1998) como tendo introduzido os universos e as condições feministas para as ciências.

De acordo com os dados, uma parte dos estudantes entrevistados assume que ao enveredarem pelo estudo do género, estariam a lutar pela causa feminista, como podemos aferir a partir do depoimento seguinte:

“Eu defendo a causa feminista em discutir temas sugeridos pelo feminismo, então que o material científico comprove aquilo que estamos a falar, é importante que alguém tenha a ousadia, tenha a paciência de investigar calmamente o que se está a passar porque há

vezes que tu estás muito envolvido na acção ou muito envolvido no seu dia-a-dia e que nem presta atenção para o que se está a passar então, neste caso o investigador tem que ter um elemento externo que consegue perceber o que se está a passar e dizer. Eu acho que era importante para mim discutir um tema ligado a género, homens feministas” (Estudante licenciado em 2013, sexo feminino).

“A intenção de defender e reafirmar a mulher na esfera política é uma coisa que me cativou para falar de género. Eu acho que qualquer assunto que trate de reafirmar a mulher na esfera social já é um assunto de debate que me interesse. Muitas mulheres estão confinadas no espaço doméstico e elas são o alvo da submissão e da dominação com bases de uma sociedade patriarcal” (Estudante licenciado em 2011, sexo feminino).

Nas páginas anteriores observamos que os estudantes fazem parte da WILSA, Fórum Mulher, como organizações que lutam pela emancipação da mulher e pela igualdade de género, tendo acumulado estoque de conhecimento, assim como construído uma identidade que a partir dos princípios que orientam essas organizações.

No depoimento supracitado constatamos que a introdução da temática do género reflecte não uma simples compreensão/análise, mais o interesse de justificar os interesses que orientam os movimentos feministas. Lígia Amâncio (2003) já tinha afirmado que a reflexão sobre a esfera privada que espelha as relações de género pelas ciências sociais se reflectiu no aumento de comunicações com temáticas que abordam questões sobre género.

Este posicionamento dos estudantes faz da ciência um instrumento que serve a luta dos movimentos feministas. Touraine (apud Galiano, 1981) fala dos movimentos sociais, afirmando que, mesmo quando um grupo represente os interesses de grupos bastante restritos o faz em nome de valores e ideias que são ou deveriam ser aceites por todos. Assim, os estudantes que filiam-se aos movimentos feministas em Moçambique vivenciam a necessidade de interiorizar e defender os ideais desses movimentos.

Sob ponto de vista da construção do conhecimento, dois aspectos podem ser ressaltados nos dados referentes a esta categoria. Primeiro, é que os trabalhos de final de curso servem de fonte de legitimação do terceiro nível da causa feminista. Isto é, não basta que os estudantes filiem-se e interiorizem os princípios feministas é preciso que esses princípios sejam incorporados e justificados com recurso a ciência, que constitui um conhecimento cujo funcionamento goza de

privilégio da sociedade no que diz respeito a construção de explicações sobre a realidade não obstante a sociologia de conhecimento de Berger e Luckmann (2003) mostrarem que todo o conhecimento segue a mesma lógica de construção, transmissão e conservação.

Segundo, a introdução e aceitação da questão de género na construção do conhecimento nas monografias é possível pelo facto de existir um paradigma no DS dentro do qual esta questão é aceite, goza de relevância, assim como é impulsionada por aqueles quem têm o direito de construir e impor uma ordem discursiva. De acordo com Kuhn (1962), é dentro do paradigma onde são definidas as realidades a serem investigadas, os problemas a serem solucionados, assim como as soluções destes mesmos problemas.

Deste modo, não obstante constatarmos que os estudantes são motivados pelo interesse de defender uma causa feminista em função do seu alinhamento aos movimentos feministas, temos que chamar atenção que aceitação do tema de género dentro do paradigma vigente constitui um elemento determinante, pois, citando mais uma vez Foucault (2008), ninguém pode dizer o que quiser, como quiser, quando quiser.

Neste capítulo discutimos dados referentes aos factores motivacionais para que os estudantes enveredassem pela realidade de género como o seu objecto de estudo, pelo que foi-nos possível construir duas categorias e observamos que os estudantes escreveram sobre esta questão pelo interesse em ganhar reconhecimento e aceitação dentro do DS, assim como pelo interesse de defender a causa feminista. Contudo, tanto num, como noutro caso, é o contexto social e académico que oferece as condições para que os trabalhos desta natureza sejam possíveis de serem realizados.

## Considerações finais

Tendo chegado ao fim do trabalho que nos propusemos a realizar, construímos algumas ideias gerais tendo como base os objectivos definidos e a hipótese levantada. Só para darmos o ponto de partida, podemos recordar que pretendíamos compreender os factores motivacionais que levam os estudantes a escreverem sobre a questão do género. Mas antes, discutimos as percepções sobre actualidade sobre esta questão e as experiências ligadas a esta.

Existe no seio dos estudantes percepções segundo as quais a questão do género ganha sua actualidade dentro do contexto tanto académico, tendo como referência a publicações universitárias sobre esta realidade e as políticas e programas aprovados e implementados internacionalmente tendo como foco a promoção das mulheres. Deste modo os entrevistados revelam o reconhecimento a centralidade do género a nível académico e social, mostrando uma ideia sobre a sua aceitação nestes domínios.

As percepções identificadas resultam e são sustentadas pelas experiências vivenciadas pelos entrevistados em diferentes espaços dos quais identificamos a disciplina sobre o género, as pesquisas sobre o género e movimentos feministas que pugnam pela igualdade de género. Neste espaço os estudantes interiorizam princípios teóricos e práticas a partir dos quais constroem a sua subjectividade e para orientarem as suas acções.

É no âmbito destas acções que os entrevistados tomaram a iniciativa de criar uma associação virada para estudos ligados a promoção do género. As iniciativas dos estudantes reflectem a sua identificação com a tendência manifestada por alguns docentes do corpo de docentes do Departamento de Sociologia na UEM no sentido de virarem as suas intenções para a realidade de género. Esta tendência representa a adopção de um paradigma científico no qual o género ocupa um lugar central e a partir do qual os trabalhos do final do cursos com esta temática passam a ser realizados, constituindo-se como pesquisas normais.

A noção de pesquisa normal, ordem discursiva e legitimação ajudaram a compreender os factores motivacionais para que os entrevistados optassem por realizar trabalhos vinculados ao género. Observamos estes rescreverem sobre esta questão com o interesse de ganhar reconhecimento e aceitação no DS, assim como defender a causa feminista com a qual identificam-se.

A legitimação dos trabalhos de final de curso fez com que os estudantes enveredassem pelo estudo da questão de género em função da facilidade que sentiram em dedicar-se a compreensão/análise desta realidade, pois já tinham interiorizado categorias analíticas que permitissem este empreendimento, assim como do facto de o género representar um discurso que procurava garantir a sua continuidade no DS.

É a busca desta continuidade que fez com que a disciplina de género, a publicação de manuais, a ligação com WLSA, Fórum mulher e realização palestras são vistos como mecanismos e técnicas de reprodução discursos e manutenção da ordem institucional. Assumindo, os estudantes, o activismo no âmbito dos movimentos feministas são conduzidos a desenvolver as suas práticas de acordo com o paradigma vigente.

De uma forma geral, as relações docente-discente e os manuais/textos constituem factores sociais e académico que orientam os estudantes no sentido de realizarem trabalho virados a realidade do género. Deste modo, a nossa hipótese foi corroborada, pois os estudantes possuem percepções da actualidade académica do género, assim como têm como base as experiências que vivenciam fora, como dentro da academia que servem de base para o desenvolvimento de suas monografias.

Este trabalho esteve virado para o estudo dos factores motivacionais para a realização de trabalhos sobre a temática de género, pelo que ao longo da sua realização alguns aspectos foram levantados, constituindo bases para a realização de futuros estudos. Fizemos a referência ao recurso a ciência como meio para a defesa da ideologia feminista, o que levanta a relevância de estudar os resultados destes estudos em função destes interesses. Ou melhor, compreender a influência dos interesses sobre os resultados dos trabalhos de final de curso.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Nunes de, (1998) “Ciências Sociais e Universos Femininos Em Portugal: Contributos para a mudança”, *Sociedade & Culturas*, ICSUL, nº11.

\_\_\_\_\_ (1986) “As Mulheres e as Ciências Sociais – Os Sujeitos e os Objectos de Investigação”, *Análise Social*, vol. XXII (94). pp. 979-985.

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de (2009). *Avaliação da técnica de amostragem “respondent-driven sampling” na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.

ARENDDT, Hannah (2007). *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil.

MASLOW, Abraham H. (1970). *Motivation and Personality*. 3ª Edição, Longman,

AMÂNCIO, Lígia, (2003)“O Género no Discurso das Ciências Sociais”,*Análise Social*, Vol. XXXVIII(168),.pp.687-714.

BARROSO, Margarida; NICO, Magda; RODRIGUES, Elisabete, “*Género e Sociologia: Uma análise das Desigualdades e dos Estudos de Género em Portugal*” *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*, nº 4, 2011.

BENJAMIM, Walter (1955). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Rio de Janeiro

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas (2003) *A Construção Social da Realidade*.23ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis

\_\_\_\_\_ *A construção social da realidade*; tradução de Floriano de Souza Fernandes, 33ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre (1989). *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Perspectiva

\_\_\_\_\_ (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa. Difel.

\_\_\_\_\_ (2003). *O que quer dizer falar*. In Questões sociológicas. Lisboa: Fim do Século.

CONNELL, R. W.(1987).*Gender & Power*. Cambridge. Polity Press

CONNEL, R. W. (1994), «The State, gender and sexual politics:theory and appraisal», in H. L. Radtke e H.J. Stam (orgs.), *Power/Gender. Social Relations in Theory and Practice*.Londres, Sage.

CONNELL, R. W. (1994). «Gender regimes and gender order». In: *The Polity Reader in Gender Studies*, Cambridge, Polity Press.

CHIAVENATO, Idalberto. *Recursos Humanos: edição compacta*. 5. Ed., São Paulo, Atlas. 1999.

DURKHEIM, Emillé (1989). *Representations Individuales et Representations Collectivés*, in: As Formas Elementares da Vida Religiosa. Edições Paulinas, são Paulo.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; MESSA, Márcia Rejane (2006)“*Os Estudos de Género na Pesquisa em Comunicação no Brasil*”, Revista Contemporânea, Vol, 4. nº 2.

FOUCAULT, Michel (1987). *A Arqueologia do Saber*. 3ªEd. Forense-Universitára. Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_ (2008). *Genealogia e Poder*. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal.

FREIRE, Paulo (1967). *Educação como prática da liberdade*.1ª Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro.

GALIANO, A.G (1981). *Introdução à Sociologia*. Editora Harbra

GIL, António (2007). *Métodos e Técnicas De Pesquisa Social*. Editores Atlas, 5ª Ed, São Paulo.

LOBO, Cristina, “Os Congressos de Sociologia em Portugal”, *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº 20, 1996. pp. 113-130.

MACHADO, Fernando Luís (1996). “Profissionalização dos sociólogos em Portugal-Contextos, recomposições e implicações”, *Sociologia-Problema e Práticas*, nº 12.

MACHADO, Roberto (1982). *Ciência e Saber – A Trajetória da Arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal

MANNHEIM, Karl (1982). *Ideologia e utopia*, 4<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 1982.

\_\_\_\_\_ (1951). *Sociologia do conhecimento*, vol. 1, Rés, tradução Maria da Graça Barbedo,

MATOS, Maria Izilda (1998) “*Estudos de Género: Percursos e Possibilidades na Historiografia contemporânea*”, Editora Cadernos pagu, São Paulo.

MARTINS, Rodrigo Octávio Silva (2003). *Pensando o mundo da vida localmente: A contribuição da sociologia do conhecimento de Peter L. Berger e Thomas Luckmann para a compreensão do modelo de justificação do direito de Jurgen Habermas*. Programa de pós-graduação em sociologia de direito. UFF

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. Editora Atlas, 5<sup>a</sup> Ed. São Paulo

MASLOW, Abraham H. (1970). *Motivation and Personality*. Edition Harper and Row

MORAES, Roque (1999). *Análise de Conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre

MOSCOVI, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

MINAYO, Maria C. (1996). *As Representações Sociais e o Imaginário sobre a Cultura*. 3<sup>a</sup> edição, São Paulo.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. V (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradim – Publicações.

RODRIGUES, Jorge e Duarte, Manuela, (2012): *Responsabilidade Social e Ambiental das Empresas*, Escolar editora, Lisboa.

SANTOS, Boaventura de Souza (1989). *Introdução à uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro, Graal.



SCOVANE, Lucila, (2008). *Estudos de género: uma sociologia feminista?* By revista de estudos feministas. Universidade Estadual de Araquara.

SCHUTZ, Alfred, (1979) . *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Zahar Editoras.

SOUSA, Jorge Pedro (2006): *Elementos do Tema e Pesquisa da Comunicação e das mídias*; 2ª edição; Porto

STERNBERG, R: *Psicologia Cognitiva*, Artmed Periódicos

TOURAINÉ, Alain (1974). *O retorno do actor: ensaio de sociologia*. Tradução de Armando Pereira da Silva, Lisboa: Instituto Piaget.

KHUN, Thomas (1962). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 5ª Ed. Perspectiva S.A. São Paulo.

# **ANEXO**

## **GUIÃO DE ENTREVISTA**

Este guião foi destinado aos estudantes que escreveram sobre questões ligadas a género nos trabalhos de final de curso para obtenção do grau de licenciatura em sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

### **I. Dados sócio-demográfico**

1. Idade
2. Sexo
3. Estado civil
4. Residência actual
5. Província de origem
6. Ano de ingresso e de conclusão do curso
7. Profissão
8. Religião
9. Filiação associativa

### **Modelo I. Percepções dos estudantes sobre a temática de género**

1. O que entendes quando se fala de género?
2. Qual é sua opinião sobre o interesse que se têm actualmente sobre a temática do género?
3. Qual é a sua opinião em torno dos aspectos interessantes pra ti nas questões ligadas ao género?

### **Módulo II. Experiências relacionadas com género vivenciadas dentro e fora da academia**

1. Onde é que ouviste falar pela primeira vez sobre a questão de género?
2. O que é que se dizia nesses espaços onde ouviste falar de género?

3. Qual era a sua fonte de informação sobre género durante o seu percurso académico, até ao momento em que concluíste o seu nível de licenciatura?
4. Em que espaços participavas para discutir a temática de género?
5. Como é que foi o teu contacto com a temática de género na universidade?
6. Fale-nos da sua participação em pesquisas ligadas a género fora, como dentro da academia.

### **Módulo III. Motivações dos estudantes para o estudo de temáticas ligadas ao género**

1. O que é que te levou a escrever sobre género no seu trabalho de fim de curso?
2. O que esperavas trazer (contributo) ao escrever sobre género no seu trabalho do final do curso?
3. O que esperavas ganhar (ganho pessoal) ao escrever sobre género no seu trabalho do final do curso?
4. Qual é o *feedback* (apreciação) que esperas adquirir dos membros do Júri assim que lessem o trabalho?
5. Atendo que era o trabalho de final do curso, qual era a expectativa que tinhas em relação a aprovação do seu trabalho pelo departamento sociologia?
6. Para além da temática de género, que outro tema te achavas em condições de abordar no seu TFC? Em caso do género ter sido a única temática, diga o que determinou (razão imediata) para que escrevesse sobre género no seu TFC?
7. Em que momento do seu percurso académico, decidiste escrever sobre género no seu trabalho de fim de Curso?
8. (Se fosse para escrever de novo o trabalho de final do curso, voltarias a escrever sobre género? Por quê?